

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO- UNIRIO

ALINE RANGEL VARGAS

E QUEM EDUCA, O QUE APRENDE? Memorial a partir da vivência na Oficina de Teatro Circulando - Ateliê de Teatro para jovens com transtornos mentais - Uma via de mão dupla em Arte e Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ensino do Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) Centro de Letras e Artes como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em Teatro, orientado pela Profa. Dra. Lucia Helena de Freitas (Gyata).

RIO DE JANEIRO – RJ
2013

ALINE RANGEL VARGAS

E QUEM EDUCA, O QUE APRENDE? Memorial a partir da vivência na Oficina de Teatro Circulando - Ateliê de Teatro para jovens com transtornos mentais - Uma via de mão dupla em Arte e Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Comissão Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Teatro, modalidade Licenciatura, como requisito para obtenção do grau de Licenciado.

Profa. Dra. Lucia Helena de Freitas (Gyata)

Conceito: _____

RIO DE JANEIRO – RJ
2013

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos os meus pares e família.

Teatro de Operações... Teatro de Véspera... Miúda...

Vocês me fazem acreditar e seguir...

Mãe, pai, Lud... Vocês que, com tanto amor, me apoiaram sempre...

AGRADECIMENTOS

Aos pais e familiares dos autistas artistas da Oficina de Teatro Circulando. Por sua dedicação, atenção e cuidado.

Aos meus primeiros professores de teatro: Luciano Loureiro, Daniele Geammal, Juçara Barcelos, Claudia Almeida da Silva, Cristiane Assano, pessoas que foram essenciais na minha formação enquanto sujeito e artista. Me ensinaram a ter responsabilidade e respeito pelo teatro.

A todos os meus alunos por me ensinarem a ser uma pessoa melhor e por me estimularem a querer aprender mais... Pelo gás e animação que compartilhamos nas nossas aulas.

À Clarice, Breno, Rafa e Caito ... Por me acompanharem durante este trabalho me estimulando, escutando, trocando ideias, às vezes fazendo meu almoço... Agradeço todos os dias por ser "irmã" de vocês.

Aos meus pais: Seu Pedro e Dona Marcia... Pelo amor incondicional. Vocês são meus maiores exemplos de ética e trabalho. Todo o meu amor para vocês.

A todos os funcionários do CLA, em especialmente da Guia, Alfredo, Marcelo, Fernanda, "Cabeça" e a Denise (que trabalha na xerox e tantas vezes nos socorreu para guardar os materiais da Oficina de Teatro Circulando).

A todos os professores da UNIRIO que contribuíram para a minha formação.

Aos parceiros da UFRJ, que estão conosco em todas as aulas... Pela generosidade e respeito na troca de conhecimentos.

À Rodrigo Reinoso, amigo de longa data e para qualquer ocasião.

A todos os meus amigos do CLA... São muitas pessoas queridas... Vocês sabem quem são. Um agradecimento especial aos parceiros do Teatro em Comunidades- Redes de Teatro na Maré.

E, especialmente, aos meus parceiros de teatro, do "Teatro de Operações" e de Miúda.

RESUMO

O presente trabalho descreve e analisa a minha vivência na Oficina de Teatro Circulando- Oficina de Teatro para Jovens com Transtornos Mentais, durante agosto de 2011 à agosto de 2013. Tendo como tônica principal a relação estabelecida entre os autistas artistas e os artistas educadores na oficina de teatro, assim como a relação estabelecida com os pais e seus autistas. Tomando como referências principalmente os pensamentos de Paulo Freire, Rubem Alves e "flertando" com um conto da Clarice Lispector. Além disso analisa a autonomia do educando em poder aprender a partir das suas próprias inquietações. Esse trabalho fala sobre atenção as informações que "o outro" lhe dá... A importância de ser um educador atento.

PALAVRAS CHAVE: Autismo- ensino- troca- atenção- sensibilidade- olhar.

SUMÁRIO

.Introdução.....	8
Capítulo 1- Circulando em águas revoltas.....	12
1.1-O Autista.....	13
1.2- A Origem.....	14
1.3- Um olhar sobre o corpo.....	16
1.4- De mão em mão: estratégia.....	16
1.5- Criando laços.....	19
1.6- O diálogo dramático.....	20
1.7- O diálogo pedagógico.....	21
1.8- Viajando com alegria em caminhos possíveis.....	23
Capítulo 2 - A família e seu autista.....	25
2.1- Conhecendo famílias.....	25
2.2- A chegada ao diagnóstico.....	26
2.3- Pequenos relatos dos pais dos autistas artistas da Oficina de Teatro Circulando.....	28
2.4- Parceria entre pais e artistas.....	30
2.5- "Colocando fermento no bolo".....	31
2.6- O que nos alimenta?.....	31
Considerações Finais.....	33
Pela janela do Circulando.....	37
Referências Bibliográficas.....	40

Instituições que trabalham com pessoas autistas.....	41
"Espiondo pela janela do Circulando"- Alguns relatórios das aulas.....	42

INTRODUÇÃO

“A gente aprende tendo coragem de lidar”¹

Márcia Feijó

Faço teatro desde os treze anos de idade. Os primeiros cinco anos foram no curso básico profissionalizante no Centro Cultural CETEP-Barreto na FAETEC, em Niterói. Em seguida fui para a Escola de Teatro Martins Penna (a primeira escola de teatro da América Latina, onde me formei atriz) e, agora, estou concluindo a graduação em Ensino do Teatro na UNIRIO. Todos os cursos de formação que fiz foram gratuitos. Não tendo um núcleo familiar em condições de me ajudar financeiramente, consegui ser aluna bolsista no CETEP e na UNIRIO.

No CETEP-Barreto recebi, por mais de um ano, uma bolsa de monitoria de meio salário mínimo para ser monitora do professor Luciano Loureiro (também formado pela UNIRIO), onde eu fazia um aquecimento de trinta minutos com as turmas antes das aulas de interpretação. Na UNIRIO fui bolsista permanência durante dois anos e, agora, sou bolsista do projeto de extensão "Teatro em Comunidades - Redes de Teatro na Maré", coordenado pela professora doutora Marina Henriques Coutinho. Neste projeto dou aula, há mais de dois anos, juntamente com outros licenciandos da UNIRIO, para jovens na comunidade de Nova Holanda, no Centro de Artes da Maré-CAM, localizado no Complexo da Maré- RJ.

Anteriormente, como bolsista permanência, eu precisava cumprir uma carga horária semanal na faculdade em projetos ou monitoria e foi, assim, que comecei a ser monitora da professora doutora Denise Telles. Aconteceram momentos maravilhosos de descoberta pessoal

¹ Márcia Feijó na mesa: "Ensino e Saúde Mental", na V Semana de Ensino do Teatro na UNIRIO-2013

durante as aulas de Expressão Corporal II e, logo em seguida, em Expressão Corporal IV já comecei como sua monitora da disciplina.

Identifiquei-me muito com a professora Denise em vários aspectos. Ela é uma pessoa muito sensível ao outro. Lembro de ter passado por problemas pessoais graves e de sempre ela me dar conselhos positivos e me trazer alegria. Além disso, ela é uma grande conhecedora de Laban², uma especialista. E me ensinou muito compartilhando seus conhecimentos sobre ele, Pina Baush³ e o butô⁴. Depois das aulas e do tempo em que trabalhei com ela, encontrei várias formas possíveis de dançar e de colocar o meu corpo no espaço, em relação com o espaço. Principalmente a partir do momento em que entendi que todos podem dançar... Que todos são capazes de se expressar corporalmente.

Em 2010, a professora Denise achou importante abrir a aula de Expressão Corporal IV para alunos especiais que não eram matriculados na universidade. A Fernanda (que era cadeirante e tinha algumas limitações motoras nas pernas) e a dupla Alan e Alex (ambos portadores da Síndrome de Down), alunos de teatro do Matheus Longui⁵, na APAE de São Cristóvão. Matheus trazia os rapazes e depois retornava com eles para a APAE e a Fernanda vinha sempre acompanhada da mãe. Foi um processo muito rico de experiências e trocas. Para os alunos da disciplina e para os alunos da comunidade foi muito engrandecedor pelas razões que vou mencionar abaixo.

Fiquei, durante dois semestres, acompanhando as aulas e os três alunos fizeram a mesma disciplina com duas turmas nos dois semestres diferentes. Esta foi a minha primeira "experiência" com integração social. Lembro da turma tendo discussões sobre a necessidade de rampas de acesso pois, em todas as aulas, uma dupla ia para a porta ajudar a mãe da Fernanda a subir com ela os dois degraus com a cadeira de rodas. Isso começou a brotar na cabeça das pessoas: integração, acessibilidade. Foi muito importante observar a forma com que os três se apropriavam das propostas dadas, tendo um bom desenvolvimento nas aulas. Era muito bom ver

² Rudolf Laban (1879/1958) Dedicou sua vida ao estudo e sistematização da linguagem do movimento.

³ Pina Bausch (1940/2009), foi uma coreógrafa, dançarina, pedagoga de dança e diretora de balé alemã.

⁴ O butô é uma dança, criada por Tatsumi Hijikata, que surgiu no Japão pós-guerra e ganhou o mundo na década de 1970.

⁵ Matheus Longui faz parte do Teatro de Operações e é formado em Artes Cênicas pela UNIRIO.

o empenho nas aulas, a disponibilidade nas propostas apresentadas pela professora e na adequação da turma às sensíveis mudanças necessárias para que a aula pudesse ser feita por todos. Isso estimulava os outros alunos a serem pessoas mais sensíveis e a olharem mais para suas vidas e perceberem que, muitas vezes, suas "questões" nem sempre são realmente "questões".

Este feito me marcou muito. Foi a partir desse momento que resolvi trabalhar com o teatro voltado para uma vertente das "pedagogias periféricas", como denomina o Teatro de Operações- grupo de Teatro de Rua do qual faço parte e que é um dos responsáveis por muitas transformações positivas em minha vida e por toda a pesquisa que me movimenta nos últimos anos e, espero que daqui para sempre, como em uma família. Sobre pedagogias periféricas entendemos a investigação de pedagogias pensadas para três diferentes formas de abordagem da ideia de periferia:

1ª) Abordagem cultural. Desenvolvida pelo Projeto Vivências, que visa potencializar artistas de fora do eixo cultural mais visível;

2ª) Abordagem econômica. Elaborada em oficinas em diferentes projetos em favelas do Rio de Janeiro;

3ª) Abordagem da linguagem teatral. Criada pelo Ateliê de Teatro, no qual investigamos formas de relação e jogo através do teatro com pessoas que não conseguem se inserir no padrão hegemônico de construção de sujeito e de comunicação. Nesse lugar, dentro do coletivo, encontramos o ator e educador Lucas Oradovschi e a atriz e educadora Mariana Mordente⁶, o ator e educador Matheus (já citado anteriormente), eu e Caito Guimarães⁷ que damos aula no projeto de Extensão: "Oficina de Teatro Circulando/Atelier de Teatro para jovens com transtornos mentais". Este projeto foi oficializado este ano junto à Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UNIRIO com a coordenação da professora doutora Joana Ribeiro. O projeto é uma parceria entre a UNIRIO e o Departamento de Psicologia da UFRJ, situado na Praia Vermelha.

⁶ Integrantes do Teatro de Operações, formados em bacharelado em Artes Cênicas na UNIRIO. São professores de teatro para crianças no Complexo do Alemão, na Vila Cruzeiro-RJ.

⁷ Graduado em Artes Cênicas na UNIRIO, integrante do Teatro e Operações e, atualmente, aluno bolsista mestrando do PPGAC da UNIRIO.

Depois de acompanhar o processo dos alunos nas aulas de Expressão Corporal, comecei a direcionar a minha pesquisa aos grupos de teatro que já trabalhavam com pessoas especiais, principalmente com aqueles com Síndrome de Down. No entanto, fui convidada pelos parceiros do Teatro de Operações para substituir a professora Mariana no projeto, que anteriormente era restrito à UFRJ. Eles davam aulas de teatro para jovens autistas e psicóticos. Este fato deu uma reviravolta no foco da minha pesquisa, mas ainda me manteve no ramo das "pedagogias periféricas".

Aceitei a tarefa, mesmo sem saber como isso se dava para os outros professores. Para eles era também algo bem recente, pois estavam com o grupo apenas há seis meses. Enfrentando o desafio, comecei o trabalho. Agora, me coloco neste trabalho diante da minha vivência e da vivência dos meus parceiros na Oficina de Teatro Circulando e, a partir delas, pretendo discutir questões sobre a "educação inclusiva" e o ensino do teatro para pessoas autistas e como isso auxilia no relacionamento delas com suas famílias e com o "outro". Pretendo falar de como dar aula para esse grupo vem abrindo novos campos de aprendizagem também para os licenciandos da Escola de Teatro da UNIRIO e como esse tipo de "formação" é importante e se faz, a cada dia, mais necessária. Evidentemente, partindo sempre da importância do artista educador e do educando serem vistos e tratados como sujeito.

CAPÍTULO 1 Circulando em águas revoltas

“Aí está ele, o mar, a mais ininteligível das existências não humanas. E aqui está a mulher, de pé na praia, o mais ininteligível dos seres vivos. Como o ser humano fez um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornou-se o mais ininteligível dos seres vivos. Ela e o mar.

Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões.

Ela olha o mar, é o que se pode fazer. Ele só lhe é delimitado pela linha do horizonte, isto é, pela sua incapacidade humana de ver a curvatura da terra.

São seis horas da manhã. Só um cão livre hesita na praia, um cão negro. Por que é que um cão é tão livre? Por que ele é o mistério vivo que não se indaga. A mulher hesita porque vai entrar.

Seu corpo se consola com sua própria exiguidade em relação à vastidão do mar porque é a exiguidade do corpo que o permite manter-se quente e é essa exiguidade que a torna livre gente, com sua parte de liberdade de cão nas areias. Esse corpo entrará no ilimitado frio que sem raiva ruge no silêncio das seis horas. A mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem. Com a praia vazia nessa hora da manhã, ela não tem o exemplo de outros humanos que transformam a entrada no mar em simples jogo leviano de viver. Ela está sozinha. O mar salgado não é sozinho porque é salgado e grande, e isso é uma realização. Nessa hora ela se conhece menos ainda do que conhece o mar. Sua coragem é a de , não se conhecendo, no entanto prosseguir. É fatal não se conhecer, e não se conhecer exige coragem.

Vai entrando. A água salgada é de um frio que lhe arrepia em ritual as pernas. Mas uma alegria fatal – a alegria é uma fatalidade – já a tomou, embora nem lhe ocorrera sorrir.

Pelo contrário, está muito séria. O cheiro é de uma maresia estonteante que a desperta de seus mais adormecidos sonos seculares. E agora ela está alerta, mesmo sem pensar, como um caçador está alerta, mesmo sem pensar. A mulher é agora uma compacta e uma leve e uma aguda– e abre caminho na gelidez que, líquida, se opõe a ela, e no entanto a deixa entrar, como no amor em que a oposição pode ser um pedido.

O caminho lento aumenta a sua coragem secreta...”

(Trecho do conto “As Águas do Mundo”, de Clarice Lispector)

1.1 - O Autista

Clarice Lispector fala muito do que sinto, de como me sinto nas aulas da oficina. Leio e releio esse conto há meses e só há menos de um mês de entregar este trabalho me dei conta do "por que esse texto me comove tanto?" Quando ela fala "*Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro...*" eu faço uma referência direta com a relação que estabelecemos com nossos "autistas-artistas", porque estamos todos ali "entregues", sem máscaras, inteiros. Quando ela diz: "*É fatal não se conhecer e não se conhecer exige coragem...*", vejo todos nós da oficina, artistas educadores que se lançam, mesmo sem quase nada conhecer sobre o autismo e fazem dessa vivência um ato de transformação em ambas as vidas e além, pois as pessoas que convivem conosco e com nossos alunos também são diretamente afetadas pelo nosso trabalho. As pessoas que passam em frente à Sala Nelly Laport (sala Branca), onde ocorrem atualmente as oficinas, também são afetadas pelo trabalho. Percebo que estamos criando uma rede invisível de afetos. Isso nutre a alma de todos nós.

Começo este capítulo com um questionamento que me persegue desde quando comecei com as aulas de ECO IV: Como é que se acolhe a diferença?

O autismo é uma doença ainda pouco conhecida pela ciência. Suas causas também são pouco conhecidas. Os tipos de autismo variam muito. Alguns autistas desenvolvem capacidades apuradas, que podem chegar a ser geniais, em uma determinada área, enquanto outros não chegam a falar. Além disso, o toque físico e o olhar podem ser muito invasivos para o autista.

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento muito mais comum do que se imaginava. A principal característica do autismo é uma grande dificuldade na comunicação e na interação social. O autista apresenta comportamentos repetitivos e para ele é muito importante se estabelecer em uma rotina. Os autistas são, na maioria das vezes, pessoas muito metódicas e com o raciocínio lógico. As variações e os imprevistos podem se tornar algo insuportável de lidar para o autista. Alguns autistas apresentam a ecolalia (repetição de uma mesma fala sem um propósito aparente). Este sintoma é bem frequente em nossos "autistas artistas" da oficina. Dentre os muitos tipos de autismos encontramos também a "Síndrome de Asperger", em que o autista normalmente tem habilidade verbal muito avançada, mas apresenta problemas para lidar com a simbologia e com habilidades sociais. Os autistas com esta síndrome também podem possuir um interesse obsessivo por algo específico⁸.

Após pesquisar um pouco mais sobre o autismo, percebi que é preciso partir do princípio de que somos todos diferentes e, sendo assim, a diferença deve ser acolhida com normalidade, curiosidade e cuidado. Ressalto esse último termo, "cuidado", principalmente com o outro, com a forma como olhamos o "diferente" e interagimos com ele. No filme indiano "Somos todos diferentes"⁹, podemos perceber como a observação atenta de um professor pode ser crucial no desenvolvimento da criança na escola. No filme, um jovem de nove anos é discriminado por colegas e professores da escola que não compreendem que ele precisa de uma atenção especial. Todos, incluindo seu pai, acreditam que ele é um jovem rebelde. Até que, após ser enviado pelo pai para um internato, em uma aula de artes, o professor substituto percebe a diferença entre ele e os colegas da turma e começa a investigar e a interagir com o jovem até conseguir sua confiança e perceber a sua diferença. Era um jovem com dislexia.

1.2 - A Origem

A Oficina de Teatro Circulando teve início pela demanda de uma das pacientes que frequentava as atividades do Projeto Circulando, coordenado pela professora doutora Ana Beatriz Freire e vinculado ao IPUB, da UFRJ. Bettina Mattar, então mestranda do IPUB e

⁸ Para uma melhor abordagem do assunto, ver "O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento", in "Desenvolvimento psicológico e educação"- 2004, de Ángel Rivière.

⁹ Filme dirigido por Aamir Khan e Amole Gupte. Índia, 2007.

pesquisadora vinculada ao Circulando, entrou em contato com Lucas Oradovschi, perguntando se havia interesse do grupo Teatro de Operações (formado por ex-alunos e alunos da Escola de Teatro da UNIRIO) em ministrar oficinas de teatro para autistas. Seria um desafio para o grupo que, conforme mencionado, pesquisa formas de conjugar ativismo político e teatro de rua. Desafio aceito, a oficina de teatro começou. Os encontros vêm acontecendo, a partir daí, nas dependências do CLA (Centro de Letras e Artes da UNIRIO), ora em salas, ora em espaços abertos. No primeiro ano, em 2011, as oficinas ofereciam uma carga horária de uma hora semanal, partindo para dois encontros de uma hora no segundo ano de 2012 e, agora em 2013, são oferecidos dois encontros semanais de duas horas cada, com turmas diferentes. É importante ressaltar que, antes do projeto ser institucionalizado pela UNIRIO, já oferecíamos aulas no campinho da UFRJ, nos jardins da UNIRIO, na Casa da Ciência da UFRJ, na Pista Cláudio Coutinho, entre outros locais. Ou seja, o projeto Circulando já circulou pela Urca.

Quando iniciei minhas aulas na oficina, quase seis meses após o seu início, fui percebendo que seria muito importante começar a entender melhor sobre o autismo e o que ele afeta nas pessoas, quais são os principais sintomas, o que já foi feito que "funcionou"... E, principalmente, quais foram e quem são as pessoas que pensam sobre o assunto. Conversando sobre estas demandas com uma das colegas parceiras do Curso de Psicologia da UFRJ, que participava da oficina conosco, ela me emprestou um livro sobre autismo dizendo que a leitura do mesmo foi muito importante para ela. Peguei emprestado, confesso ter me demorado na leitura, ido e voltado várias vezes, mas, por fim, me apaixonei pela autora e pela forma como ela torna "simples" um tema tão "complexo". O livro se chama: "A criança autista em trabalho", escrito por Jeanne Marie de Leers Costa Ribeiro. Após a leitura do livro, tive o prazer de fazer com a autora um curto curso sobre o autismo, no primeiro semestre do ano corrente, denominado: "Escutar os autistas". Um curso de quatro encontros, um encontro semanal, em que a autora e a professora Ana Beatriz Freire, coordenadora do projeto "Oficina de Teatro Circulando", na UFRJ, e quem me fez o convite para participar do curso, elaboraram uma série de seminários expositivos sobre o tema, no Instituto de Clínica Psicanalítica, em Botafogo-RJ. Chamou-me a atenção a afirmação da autora que, em seu livro, esclarece: "*O discurso psicanalítico vai tomar a criança autista como sujeito. Isso implica dizer que, mesmo que não falem, os autistas são afetados pelo campo da linguagem.*" (RIBEIRO. 2005, p17)

1.3 - Um olhar sobre o corpo

No caso dos autistas, a exclusão social se dá no campo da linguagem em razão de dificuldades na construção de um corpo ligado a um sujeito, na assimilação de universos simbólicos, na elaboração da ideia de vida e de um modo de gerir as relações com o outro, com o espaço e com o mundo. Relações estas normalizadas de acordo com os padrões hegemônicos. Portanto, não é por meio de uma normalização vertical dos comportamentos dos pacientes que será possível estabelecer algum laço, mas, sim, através do “desfazimento” do olhar normativo, olhar que, afinal, acaba por se configurar como o fator excludente. Esse olhar levou os artistas da oficina de teatro a uma divertida investigação sobre de que maneira esses corpos, “desviantes” da norma mais comum, se organizam e se relacionam com o outro, com o espaço e com o mundo, para, em seguida, buscar formas de se relacionar com esses corpos 'anormais', o que nos leva muitas vezes a experimentar o “recriamento” desses corpos.

Essa busca por corpos “desviantes” exige do artista educador um posicionamento muito sensível e ativo, um nível de atenção bem refinado e uma disponibilidade corporal, vocal, espacial e musical muito presentes. Um posicionamento artístico. Nas oficinas tudo é possível. Desde um momento de canto e dança coletivo com tecidos, até, por exemplo, um dos autistas se tornar agressivo e partir para cima de mim, me dando um golpe mais conhecido como "telefone ocupado" (um tapa com as duas mãos dele e a minha cabeça no meio) em uma semana que estava sendo difícil para ele, que tem os pais separados e morando em estados diferentes. Nessa semana ele estava começando a ser informado que teria que ir para a casa do pai, o que acarretava para ele uma mudança em sua rotina e um desconforto que nós não podemos medir. Fiquei um pouco assustada, mas estava atenta na hora e já tinha tentado sinalizar para a minha companheira da psicologia que o nosso artista autista estava incomodado com alguma coisa. Não sei se ele percebeu que eu estava sinalizando isso para a colega, mas, logo que aconteceu, os outros parceiros vieram imediatamente intervir. Por fim, tudo ficou bem. Esse foi o momento mais "tenso" entre todos os dias em que participei da oficina.

1.4 - De mão em mão: estratégia

Nas aulas, o artista educador precisa saber medir suas ações para não se tornar invasivo, um propositos demasiado. Fazer com que a condução da aula passasse um pouco "pelas mãos" e desejos de cada pessoa presente foi uma estratégia do grupo para desfazer confrontos mais exagerados. Isso é compartilhar. No contato com os autistas, fomos desenvolvendo ferramentas que nos ajudam na relação com eles, como, por exemplo, com o Anderson. Começamos a perceber que ele responde muito aos estímulos musicais e que gosta de um determinado estilo de música. Então, a partir disso, conduzimos algumas partes das aulas partindo de pequenos trechos dessas músicas, em que todos na sala interagem juntos, ora tocando em algum objeto, ora cantando junto com o grupo, ora dançando. Todos livres para fazer o que tiver vontade de fazer. Nesse "jogo de liberdade", vamos percebendo como o nível de confiança e de relação do autista com os artistas vai se estreitando, além do prazer em proporcionar e receber alegria. Estamos o tempo todo lidando com pessoas extremamente sensíveis. Verdadeiros artistas! Por isso, se faz indispensável não esquecer que estamos o tempo todo trabalhando com afetos. Não há espaço, nesta oficina, para pessoas que querem apenas "cumprir uma carga horária", ou educadores com "corpo mole" e pouco engajamento. Ou você ESTÁ ou NÃO ESTÁ.

Apesar de não falarem com o intuito de se comunicar, os pacientes não deixam de se movimentar. Correr e jogar o corpo contra a parede e, em seguida, atirar-se no chão; repetir o movimento circular dos ventiladores; caminhar de um lado a outro 'medindo' as paredes do espaço com velhas fitas vhs e tocar objetos, deslocá-los pelo espaço e anexá-los ao corpo de modos pouco usuais. Estes são alguns dos movimentos executados pelos pacientes sem que ninguém peça para que façam. Um movimento sugere uma postura corporal, uma forma de ocupação do espaço em níveis, planos, com direções, ritmo, intensidade, emprego de energia, etc. Através da codificação desses movimentos em cada participante, os artistas educadores passam, em um primeiro momento, a buscar relação tentando intervir ou entrando no curso no qual o movimento é executado. Isto pode significar imitar algumas vezes o movimento e, havendo uma resposta positiva, na próxima repetição mudar alguma coisa na execução, percebendo qual a resposta ou, simplesmente, gerando pequenos obstáculos espaciais ou temporais no curso do movimento. Em um segundo momento, os artistas educadores adicionam a possibilidade de relação por atração indireta, algo como uma armadilha, ou seja, construo um movimento com objetos que não convida ninguém a participar diretamente, mas que pode ser

atrativo o suficiente para que haja alguma intervenção de algum integrante, seja interrompendo-o ou copiando-o.

Outro exemplo: em uma das aulas com a Natasha, no ano passado, percebi que ela ficava muito envolvida com o movimento circular do ventilador – uma das características de alguns autistas. Eles desenvolvem um verdadeiro fascínio por movimentos circulares. A partir daí, comecei a fazer, próximo a ela, um movimento circular quase tão intenso quanto o girar do ventilador, só que com o meu braço e sem direcionar meu olhar para ela, mas percebendo se ela estava ou não "percebendo" a minha ação. Depois de uns poucos minutos ali, constatei que ela estava olhando para o meu braço. Modifiquei, então, o girar para a minha cintura e ela trocou o foco de atenção para minha cintura, levantando-se em seguida e, vindo em minha direção, deu uma volta saltitando pela sala e voltou para o seu lugar. O que a Natasha percebeu ali? Só ela sabe. Não possuo instrumentos científicos para aferir, mas sinto-me estimulada em saber que aquilo afetou de alguma maneira a olhar o outro, a perceber o corpo do outro, não apenas um objeto. Além disso, o movimento de alguma forma a impulsionou a levantar-se da cadeira, saindo de uma posição onde se encontrava em estado de maior recepção, e ir, "agir", "interagir" pela sala com as outras pessoas, mesmo que por um curto espaço de tempo.

Está claro para nós, artistas educadores, que nos cabe, também, uma ação passiva nas aulas. Ou a passividade passou a ser uma estratégia, porque existe uma “des-hierarquização” entre quem faz as propostas, sem ter uma relação em que as nossas propostas precisam ser sempre aceitas pelos autistas. Sim, nós temos que atentar a possíveis propostas deles.

O objetivo é sempre conquistar a confiança dos autistas, buscando a aproximação e o contato através de alguma das qualidades do movimento e desenvolver jogos que criem zonas intersticiais de comunicação. Zonas que não sejam nem a nossa linguagem comum – que eles negam – nem a deles que desconhecemos. O grupo percebeu que, se fizer um esforço para se aproximar do universo dos autistas, eles respondem de maneira menos resistente. Isto ficou evidenciado nos depoimentos dos pais na reunião do ano passado. Eles apontaram maior receptividade ao contato físico para um, maior desenvoltura na fala para outro, maior tolerância em situações de espera, como em um engarrafamento para uma outra jovem. O mesmo se confirmou na reunião dos pais na UFRJ, deste ano, em que os pais continuam apresentando testemunhos de progressos em suas relações com os filhos em locais diversos.

Ser uma pessoa com Autismo não é...

... estar num mundo separado

Pelo contrário, às vezes a percepção do mundo é tão aguçada que a faz sofrer...

... ser incapaz de sentir

Como qualquer pessoa, também tem sentimentos. A expressão nem sempre é fácil, principalmente através de palavras.

... ser incapaz de se comunicar

Comunicação é mais que palavras

... ser incapaz de ter amigos

Amigos de verdade são sempre bem vindos!

(texto retirado de um panfleto comemorativo do Instituto AnnSullívan para o Dia Mundial de Conscientização do Autismo- 02 de Abril. O instituto trabalha a favor das pessoas com autismo, há mais de 10 anos.)

1.5 - Criando laços

No caso do ensino do teatro e dentro de uma perspectiva de pedagogias periféricas, nas três formas de periferia abordadas pelo Teatro de Operações (cultural, econômica e da linguagem), há que se levar em conta as especificidades de cada espaço e tempo em que se vai atuar. O que se trabalha com crianças da rede pública de ensino, dentro das escolas, por exemplo, leva em consideração todo o comportamento que lhes é exigido dentro da instituição e, de acordo com a faixa etária do grupo de alunos, se pensa uma metodologia que possa gerar alguma zona de aprendizado mais arejada e horizontal, que se pareça menos com um presídio. Já com artistas de fora do eixo cultural hegemônico, busca-se uma metodologia que tanto invista no “desfazimento” das hierarquias do visível, que torna algumas cidades e suas culturas mais atraentes que outras, quanto potencialize as práticas artísticas locais, ligando-as às redes

invisíveis. Digo “hierarquias do visível” me referindo a toda informação que recebemos de mídias como televisão, jornais, internet, querendo me referir às informações que temos que nos são impostas pela sociedade capitalista. "O Rio de Janeiro é a Cidade Maravilhosa." Coisas tais, como essa afirmação, nos fazem perceber como estamos constantemente à mercê de hierarquias ligadas ao capital, a perceber como estamos o tempo todo sendo condicionados a aceitá-las sem relutar ou mesmo dialogar. As redes invisíveis são as redes que se formam entre pessoas e coletivos que não pertencem ao eixo capitalista. Pessoas que buscam zonas de respiro e que, por isso mesmo, se tornam invisíveis. Não é proveitoso para o sistema vigente tornar essas redes visíveis.

No caso dos autistas, o contexto do projeto Circulando oferece outras atividades artísticas como artes plásticas, passeios a museus e visitas a centros culturais e investe em um certo protagonismo do autista, estimulando-o, para que ele crie laços com a cidade e com o outro. Desta forma era preciso identificar, para nós, artistas educadores, aspectos do teatro que pudessem contribuir para o projeto e buscar ferramentas teatrais adequadas. A ideia de pedagogias periféricas, trabalhada no grupo Teatro de Operações, vê o fator transformador do teatro na possibilidade de transformar o próprio teatro que se vai ensinar (praticar, jogar) de acordo com as demandas geográficas e de ecologia humana, para que se gere um teatro que sirva como uma zona de respiro para determinado grupo, em determinado espaço/tempo.

1.6 - O diálogo dramático

No meio do primeiro semestre desse ano, entrou na oficina de teatro uma nova "autista artista" que fez com que mudássemos um pouco a dinâmica das aulas. Júlia. Ela fala normalmente, não só o português, mas também está aprendendo e já fala várias coisas em japonês, inclusive nos ensina várias palavras. Ela desenha muito bem, cria suas próprias histórias em quadrinhos. Um encanto! Em seus primeiros dias na oficina, eu não compareci, pois fiquei afastada umas semanas do projeto para ensaiar um espetáculo, e todos os colegas falavam para mim que eu ia me dar muito bem com ela, que eu ia adorar ficar fazendo improvisações absurdas, enfim. Foi realmente isso. Amor à primeira vista. Com ela coloco um pouco em prática o que aprendi com a professora Beatriz Ângela Vieira Cabral (Biange), em seu livro "Drama como Método de Ensino". Claro que de uma forma adaptada ao nosso estar em aula e em cena.

Enquanto atuadora e educadora eu estou em um processo de vivência/ensino/aprendizagem e, principalmente, estou em contato direto e horizontal com todas as outras pessoas na turma. Biange afirma que “... usando drama como método de ensino, o professor assume papéis e/ou personagens com o objetivo de interagir com os alunos em contextos diversos, utilizando diferentes códigos lingüísticos para desafiar posturas, ações e atitudes”. (CABRAL.2006.p. 19) Percebo ser isso o que fazemos muitas vezes durante as aulas da Oficina Circulando. É muito instigante observar o que tem de teatro, de jogo teatral e de subjetividade nas aulas. E para situar o "drama" no trabalho desenvolvido por Biange é que percebo aproximação com o que realizamos. Ainda, segundo a autora,

O drama, uma forma essencial de comportamento em todas as culturas; permite explorar questões e problemas centrais à condição humana, e oferece ao indivíduo a oportunidade de definir e clarificar sua própria cultura. É uma atividade criativa em grupo, na qual os participantes se comportam como se estivessem em outra situação ou lugar, sendo eles próprios ou outras pessoas.. (CABRAL.2006.p. 11).

1.7 - O diálogo pedagógico

O que fazemos em relação ao teatro em nosso trabalho com os autistas é tentar conquistar a confiança de cada um, tentando verificar que acordos são possíveis de serem criados para estabelecer algum tipo de diálogo, eventualmente verbal (muitas vezes há jogo verbal, mas não enquanto troca de signos, talvez jogo de sonoridades e, às vezes, até confundindo significados de palavras. Como a demanda é dos autistas, por vezes se permitem entrar na linguagem e nos surpreendem com jogos que envolvem signos de nossa realidade), mas, principalmente, através do movimento. Fazemos micro jogos teatrais de confiança que se expressam em movimento e sons e operam em uma linguagem intersticial entre a do universo ao qual pertencemos e a do universo de cada autista/artista. Estamos, o tempo todo, durante as aulas, em uma atitude de disponibilidade, e, partindo dessa disponibilidade, encontro no pensamento pedagógico de Paulo Freire, muitas ideias que fundamentam o que estamos fazendo/tentando fazer, constantemente, na Oficina de Teatro Circulando.

Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se

anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para a colher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minhas relações com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil. (FREIRE.2007. p.134)

Encontrar pensamentos como esse, de Freire, só faz com que, em nossa pesquisa e prática, enquanto educadores, possamos nos alimentar pedagogicamente, à medida em que percebemos ser possível essa nossa postura de “ensinar”.

Na última semana de agosto do ano corrente, Fernando Klipel, artista da UNIRIO recém inserido no projeto, durante a aula, estabeleceu regras de jogo com bolas que fazemos com outros alunos não autistas e fomos muito bem. O jogo se desenvolve da seguinte maneira: primeiro você pega a bola e fala seu nome. Depois de um tempo desenvolvendo esse jogo, passamos para outro momento, em que, ao pegar a bola, a pessoa falava seu nome, falando em seguida o nome da pessoa para quem ela fosse jogar a bola. Ex: Se eu recebo a bola, eu falo "Aline passa para...". O Lucas se esforçava muito para jogar e foi muito bom para todos nós. Em alguns momentos tentamos incluir o Moisés também na brincadeira. E ele chegava a rebater a bola para a gente. Não podemos saber qual o nível de compreensão que ele tem, mas ele interagiu conosco em vários momentos. E respondeu a vários estímulos. Com o Moisés percebo que pode ser uma questão de vontade dele. Tanto que, nas primeiras semanas, ele ficou muito pouco tempo conosco e nas duas últimas aulas, após a reunião dos pais, quando soubemos do seu gosto por música, ele ficou, na primeira, uns quarenta minutos e, na segunda aula, após a reunião, quase uma hora e meia. Com certeza isso também se torna um bom sinal para seus pais que vão sempre juntos acompanhar o Moisés. Esse trabalho de estimular mesmo sem “saber”, de lidar com o desconhecido me remete novamente às palavras de Freire, quando este diz que

Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua

referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude.

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História. (FREIRE, 2007. p.135-136)

1.8 - Viajando com alegria em caminhos possíveis

Com essas aulas na Oficina de Teatro Circulando aprendo que não basta entender a realidade, constatar que há algo errado e reclamar ou apenas cruzar os braços diante dela. Temos que transformá-la com nossas próprias mãos. Tornar a prática intensa antes de querer entender apenas o discurso. Entender lidando, dialogando, agindo. Nas oficinas de teatro percebo que todos ali estão se transformando, uns com os outros em uma relação horizontal e em ritmos variantes, mas cada um respeitando o seu tempo e o tempo do outro. Sempre estamos em estado de alerta, como naquela brincadeira infantil "batata quente". Pensar em um jogo infantil também não é um acaso. Resgatamos durante as oficinas muitas memórias e lidamos com ela, a fim de potencializar a troca entre todos durante as aulas. E os jogos infantis são muito potentes para trabalhar questões relacionadas ao teatro, como: relação com o espaço e com o outro, concentração, espírito de coletivo, a própria ludicidade inerente ao ato de "jogar", etc.

Neste semestre li um texto na universidade que acredito ter sido um dos mais importantes para mim, pois criou vários pequenos compartimentos em meu pensamento sobre o ensino da arte e, principalmente, sobre o meu olhar para este projeto. "Didática do Ensino de Arte" traz uma imagem muito potente para mim, a do educador como um viajante, atento e saudoso. Adoraria poder citar todo o capítulo que li, mas como isso não se faz possível, escolhi o parágrafo com que mais me identifiquei:

Com olhar de viajante que tudo registra e guarda, o educador vê a paisagem pedagógica com sua beleza e com sua agrura sem perder de vista aonde quer chegar. Leva com ele seus aprendizes, curiosos pesquisadores e também aqueles que apenas "entraram no trem". Juntos poderão trocar ideias ao final de

cada dia, no diálogo sensível que aos poucos envolverá a todos, ou quase todos. A expedição ao mundo da arte, desejada e enriquecida pelos investimentos sensíveis de cada aventureiro, atravessando outros territórios, já que para o ser humano não deveria haver fronteiras, mas apenas horizontes. (MARTINS, PICOSQUE, GUERRA. 1998. p.186)

Na oficina, antes de qualquer coisa, seguimos os caminhos apontados pelos alunos estabelecendo, aos poucos, uma relação de parceria que nos permite encontrar, juntos, novas formas de estar no mundo. Ao abrir essa zona de relação, estamos favorecendo também a construção de laços sociais. Nosso trabalho é um trabalho de constante criação. Um trabalho que não cessa. Que se faz junto, quando as pessoas chegam. É difícil e inesperado. Quase sempre temos que abrir mão do que planejamos, isso quando achamos que o planejamento pode nos auxiliar. Mas existe um fio sensível durante as aulas que toca cada um de nós.

Vejo isso pelos relatos dos colegas que estão há pouco tempo na oficina e que me contam como se sentem pessoas melhores, mais vivas, pessoas que realmente se sentem fazendo algo de importante para o mundo, já que sabem que o trabalho que estão desenvolvendo é muito importante para alguém. Isso dá alegria e enche a vida do professor – que já é uma vida tão difícil – de entusiasmo. Já que o trabalho que escolhemos é uma luta diária, que lutemos com e pelo amor! Quando penso sobre o amor que sinto ao ensinar, logo me lembro de Rubem Alves, em seu livro "A Alegria de Ensinar" e me sinto à vontade para responder, quando sou perguntada sobre minha profissão, o que ele cita em seu livro, digo que "Sou uma pastora da alegria".

...O mestre nasce da exuberância da felicidade. E, por isso mesmo, quando perguntado sobre a sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: "Sou um pastor da alegria..." Mas, é claro, somente os seus alunos poderão atestar da verdade da sua declaração...(ALVES. 2008, p.13)

Alves encerra o segundo capítulo desse livro fazendo um lindo pedido aos professores, o que pretendo seguir como um juramento

...Vai aqui um pedido aos professores, pedido de alguém que sofre ao ver o rosto aflito das crianças, dos adolescentes: lembrem-se de que vocês são pastores da alegria, e que a sua responsabilidade primeira é definida por um rosto que lhes faz um pedido: "Por favor, me ajude a ser feliz..." (ALVES. 2008, p.19)

Após as aulas osicineiros fazem relatórios sobre as oficinas, não de uma forma regular, mas com uma certa constância. Alguns deles vão constar no final desse trabalho, como anexos importantes. O conjunto de informações que oicineiro "recolhe" durante as aulas nos apresenta caminhos possíveis para percorrermos junto a eles (aos autistas artistas). Tentamos inserir, nesses caminhos, jogos em que possamos potencializar estímulos importantes para o desenvolvimento da interação entre todos e o desenvolvimento individual.

CAPÍTULO 2 - A Família e seu autista.

"A vida com uma criança com transtorno do desenvolvimento e da comunicação envolve uma mudança radical e permanente do estilo de vida, da forma de olhar a criação dos filhos e apreender a desfrutar dos pequenos logros cotidianos. Quem aceita viver de um jeito diferente, e não somente jogar a criança nas mãos dos especialistas ou professores, deve aprender a aceitar as diferenças da criança, os olhares das pessoas, a exigência de mudança, sacrifício e empatia que a situação nos demanda"

(Cancino, Miguel Higuera. p-18 e 19. 2013- "Transtornos do Desenvolvimento e da Comunicação- Autismo- estratégias e soluções práticas")

2.1- Conhecendo famílias.

No dia 06 de abril de 2013, participei de uma palestra no Centro Cultural Banco do Brasil -CCBB-RJ, na semana de integração do autismo. Um encontro com pais, profissionais da área e todos os interessados sobre o assunto. Participamos de uma mesa redonda com a presença de educadores, pais e profissionais da saúde. O evento foi um espaço de troca sobre o tema do autismo e, para mim, esclareceu muitas questões principalmente relacionadas às famílias da pessoa com autismo. A segunda palestrante do encontro era Emanoele Freitas (mãe de autista e presidente da AAPA- Associação de Apoio a pessoa Autista de Nova Iguaçu- RJ). Sua fala foi toda em torno de uma questão que é um dos principais "motes" do nosso trabalho, a afetividade.

Ela se mostrou uma pessoa bem animada e estimulada com o evento (estava toda bem vestida e maquiada. Percebia-se que ela gastou um tempo se produzindo para estar ali). Falou muitas coisas importantes que, quando ouvimos, parecia um discurso vazio, mas acredito que se não falarmos mais sobre isso continuaremos apenas com o discurso...

Ela começou falando sobre o amor. Que o amor é o principal. "Ame seu filho, é só o que ele espera". Em seguida, prosseguiu dizendo que "a chave para manter as coisas positivas é cuidar de si..." e continuou sua fala direcionando aos pais presentes a responsabilidade que eles têm de antes de mais nada serem pessoas felizes. Eu concordo inteiramente com Emanuele. Cuidar de si, de sua auto-estima e de sua felicidade é o primeiro passo para cuidar bem de seu autista.

Muitas vezes os pais de autistas abdicam de seus desejos, sonhos e vontades em prol de ajudar no que for preciso no desenvolvimento dos seus filhos, esquecendo-se que ter pais felizes com suas individualidades e com suas realizações pode ser muito mais importante que ter pais o tempo todo presentes, porém frustrados.

Emanuele encerrou sua participação direcionando uma fala aos pais: "Não tem mais tempo da criança autista ficar presa dentro de casa". Frase esta com a qual eu concordo e divulgo a intenção. A rua é para todos, temos que habitá-la e mostrar para o poder público o quão ainda despreparado ele se encontra no que diz respeito à acessibilidade. Por exemplo: no prédio da Cenografia da UNIRIO, não existe rampa nem elevador, só se sobe de escada; outro exemplo: recentemente fizeram uma rampa de acesso para a biblioteca, também da UNIRIO, só que antes da rampa tem um degrau... Tem situações que não dá para entender...

Muitos autistas, no seu dia a dia, têm o seu convívio limitado aos seus familiares e às idas e vindas a tratamentos. Sabemos o quanto é importante a socialização, a convivência com as outras pessoas, não apenas para o autista, mas também para as pessoas não autistas que, ao lidar com a diferença, aprendem a serem pessoas mais generosas e sensíveis. É preciso o olhar aguçado dos familiares e das pessoas que convivem com o autista para estimulá-lo e perceber o que ele gosta de fazer, com o que ele poderia ser mais feliz.

2.2- A chegada ao diagnóstico.

Existe um "caminho" que a família da criança autista percorre quando recebe o diagnóstico da doença: choque pelo "luto">choro>negação>aceitação>atitude. Não retirei isso de nenhum livro, mas registrei essa informação no curso sobre autismo que fiz com Ana Beatriz Freire e Jeanne Marie de Leers Costa Ribeiro, pois me interessou muito saber como o autismo é recebido por parte da família. As famílias perpassam por esses "estágios" e ficam muitas vezes desamparadas por não verem uma perspectiva de melhoria para o futuro de seus filhos.

O diagnóstico do autismo deve ser dado à família antes dos três anos para que se possa intervir com métodos educacionais e estímulos específicos, em que a criança tenha maiores possibilidades educacionais de desenvolvimento e de adaptação na sociedade. O nosso mundo é um mundo com muitas informações para o autista. Muitos psiquiatras difundem a ideia de que, ao receber o diagnóstico de autismo, a família passa por uma espécie de "luto". Um "luto" que seria daquela "criança ideal" que, naquele momento do diagnóstico, a família já sabe que não existirá mais. Ninguém escolhe ter um filho autista, mas a partir do momento em que isso acontece é preciso existir pessoas que amparem, acolham, estimulem e amem os autistas.

Eu assisti, recentemente, a um filme chamado “Meu Filho, Meu Mundo” (Son-Rise: A Miracle of Love – 1979), que trata da história de uma família que tem um filho autista, mas, por ser uma família bem amorosa e atenta aos seus filhos, os pais percebem desde os primeiros meses que existe algo de diferente com seu filho caçula. Quando "Raun" tem dois anos eles confirmam o diagnóstico de autismo. A família parte a procura de instituições e clínicas de tratamento e descobre procedimentos desumanos em clínicas especializadas. Verdadeiros depósitos de crianças com problemas mentais. Por ficarem muito assustados e serem uma família muito sensível e unida, resolvem enfrentar de cara o desafio e consultar o maior especialista que conheciam sobre o autismo: seu próprio filho. Os pais partem para uma investigação e estimulação constante de seu filho que, depois de um tempo, apresenta muitas melhoras. Raun tem uma recaída em que "desaprende tudo", o que quase desestimula seus familiares que persistem no trabalho com ele até ele reaprender e, no final do filme, ele consegue ser uma criança sem problemas de se comunicar. Claro que se trata de um filme, mas nesse filme pude perceber, na relação dos pais com Raun, várias relações que nós tentamos estabelecer com nossos "autistas-artistas" nas oficinas. E mais. Pude perceber melhor a relação da família com o

seu autista e com as outras famílias. Neste filme os pais perceberam que o filho se estimulava muito pela música, assim como Anderson, nosso "autista-artista" que, hoje em dia, em nossas oficinas começa "puxando" várias músicas, pequenos trechos de músicas bem populares (como pagode, sertanejo e axé) e, quando percebe que eu e os outros oficinairos também conhecemos a música, é nítida a sua empolgação e alegria. A partir daí, dançamos, pulamos pelo espaço e cantamos essa música com várias outras e pequenos trechos de falas dele que também musicamos, criando, no final, uma sequência de músicas que nem sempre lembramos, mas que fica durante toda a semana voltando na nossa cabeça. As músicas quase se tornam pequenos diálogos. E o mais prazeroso é que estimulamos nosso aluno enquanto também nos estimulamos enquanto artistas, enquanto pessoas sensíveis que se deixam sensibilizar pelos outros e por suas subjetividades.

Estimular o autista a partir das coisas que ele sabe fazer é muito importante. Encorajá-lo a continuar realizando atividades, a se socializar com as outras pessoas é essencial para ambas as partes (para o autista e para o não autista). Como nos lembra Miguel Higuera,

temos de ser conscientes da necessidade de uma prática regular e constante, do valor das rotinas no cotidiano, da importância de ser sistemáticos na nossa forma de agir diante da conduta das crianças e de estimular as suas capacidades. (CANCINO, Miguel Higuera. 2013, p.19)

2.3 Pequenos relatos dos pais dos "autistas-artistas" da Oficina de Teatro Circulando.

Em 2012 e 2013 participei dos encontros com os pais da Oficina Circulando, na UFRJ com os pesquisadores da psicologia. Nestes encontros tivemos uma resposta, da parte dos pais, de como está sendo fazer essa oficina para seus filhos. Na primeira reunião foram a mãe de Natasha, a Sr^a Antonieta; a mãe de Anderson, Sr^a Maria José e outros responsáveis que não identificarei, pois não pedi permissão dos mesmos para citá-los neste trabalho. A reunião era para podermos conhecer mais sobre seus filhos por relatos seus e para sabermos se eles notaram alguma diferença, se eles acharam que as aulas modificaram alguma coisa na rotina de seus filhos e se isso influenciou de alguma forma no seu dia a dia. Também para nos apresentarmos

enquanto artistas e pesquisadores e falar sobre como acontecem as nossas oficinas, seus objetivos e metodologia.

A Sr^a Antonieta, uma mãe muito animada, bem disposta e alegre, disse que, depois que começou com a Natasha na oficina de teatro, sua filha começou a ficar mais paciente em vários locais, a ficar mais à vontade com outras pessoas. Relatou que ela estava com problemas para fazer aula na academia, pois não queria esperar, nem fazer outras coisas, mas que ,com as aulas, ela foi se acalmando, "respondendo" mais às solicitações da mãe, o que permitiu que a Sr^a Antonieta continuasse suas atividades. É muito bom ver como as duas se relacionam, a relação de cumplicidade que estabelecem. Uma relação simples. Percebo a Natasha cada vez mais "aberta ao mundo" e bem disposta, até mesmo em relação à sua postura corporal. Ela e sua mãe estão se exercitando. Atualmente, nas aulas, Natasha cada vez mais sai da cadeira e corre pelo espaço e quase dança os sons que cantamos antes. Talvez ela esteja mesmo fazendo isso, dançando a sua música.

Lembro-me da primeira aula da Natasha comigo. Ela estava com a mão direita toda mordida, pois costumava fazer isso frequentemente. Nós estávamos em uma sala do terceiro andar do prédio da Escola de Teatro e a Natasha não gostava de descer escadas. Fiquei muito inquieta internamente, pois não sabia muito bem até onde agir sem ser invasiva, sem romper uma barreira que ela não quisesse que fosse rompida. Neste primeiro dia, fiquei fazendo movimentos com um leque, movimentos circulares. Em momento algum ela direcionou o olhar para mim. No final da aula ela ficou sozinha comigo e, enquanto a aluna da psicologia da UFRJ descia para chamar sua mãe para nos ajudar, depois de muito relutar, ela desceu comigo as escadas. Ela segurou o meu braço e foi descendo comigo. Fiquei bastante impressionada, senti como se isto já demonstrasse um gesto de confiança da parte dela e, quando chegamos lá no primeiro andar, Sr^a Antonieta gostou de ver a Natasha descendo comigo.

De lá pra cá, se passaram praticamente dois anos e, hoje, a Natasha apresenta outro comportamento nas oficinas. Antigamente ela se sentia muito invadida pelo som dos outros e dos objetos. Hoje ela adora um tambor, tem um ritmo bem desenvolvido, gosta de sentir a vibração das coisas e, outro dia, me surpreendeu durante uma aula. Eu estava à sua frente, ambas sentadas

no chão da Sala Branca (Sala Nelly Laport) e eu, enquanto fazia alguns ritmos repetidos com ela no tambor, cantava com as outras pessoas e com o Anderson. Nesse momento Natasha pegou minha cabeça com suas duas mãos e juntou sua cabeça com a minha. Continuei cantando e notei que, ao perceber a vibração da minha cabeça, ela sorriu. Natasha parecia "estudar" a música, investigando a vibração, sentindo! Fiquei muito emocionada neste momento, por perceber que todos estavam assim, alegres. Olhei para o lado e vi uma sala cheia de pessoas entregues ao trabalho.

2.4 - Parceria entre pais e artistas.

Nesta mesma reunião de pais tivemos uma informação muito importante do Sr Afonso, pai de Moisés, de quarenta e dois anos, que começou, quase no segundo semestre desse ano, a oficina. Moisés ficava muito pouco tempo dentro da sala. Ele logo falava: "rua, sair, lá fora!" e dois oficinairos iam com ele pelo jardim e pelo campus da UNIRIO. Mas, depois da reunião, onde o Sr Afonso nos falou que o Moisés adora música, nós começamos a estimulá-lo com músicas. O pai falou que ele só se comunica com o que lhe interessa... Na aula seguinte à reunião, quando o Moisés falou "Rua", fui com ele e com a Martina (da UFRJ) andar pelo pátio. Pensando em uma "faixa etária musical", comecei a cantar uma música do Paralamas do Sucesso, depois Legião, Cazuza... Enquanto cantava, fui percebendo que ele estava gostando de ouvir e, às vezes, esboçava tocar algum ritmo. Percebi que ele estava conosco. De lá para cá, passaram-se duas aulas e, na primeira ele ficou quase quarenta minutos, e, na segunda, ele ficou quase uma hora conosco na oficina. Isso se apresenta como uma pequena vitória para todos nós, pois assim percebemos que ser atento ao outro, perceber o que o outro acha interessante abre um leque de possibilidades de relacionamento. Ficamos todos estimulados. Acredito que os pais também fiquem felizes ao perceber que Moisés está se adaptando ao grupo. É assim que pretendemos agir. Estreitando cada vez mais os laços entre autistas artistas, artistas educadores, pais e parceiros da psicologia.

Desde quando começamos as aulas, pensamos – os artistas e as pessoas do Projeto Circulando da UFRJ – em fazer uma atividade paralela com os pais, para que eles possam desenvolver certas sensibilidades que venham a auxiliar a relação com seus filhos. Pensamos em

aulas de corpo, de sensibilização e percepção corporal e, em seguida, pensamos em um lugar de interação sobre textos teóricos sobre o autismo, um lugar de reflexão e troca de experiências entre os pais. Ainda não conseguimos estruturar essa parte na nossa oficina direcionada aos pais, mas é um dos nossos maiores desejos. Nós percebemos nos pais o quanto eles se entregam e amam seus filhos. Nosso intuito é fazer com que eles também se sintam cuidados e queridos. Isso estimula os pais a estimularem seus filhos que, estimulados, podem se desenvolver mais. Enfim, assim criamos um ciclo vicioso do bem. Estamos nos estruturando melhor e acho que, em breve, buscaremos novas parcerias com colegas de outros campus na universidade para nos ajudar nesse novo desafio.

2.5 - Colocando fermento no bolo

"Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança"

Paulo Freire

Como também precisamos pensar no que o educador aprende, de acordo com a grande demanda dos "autistas artistas" pela parte musical, os educadores e a coordenadora do projeto na UNIRIO, a Profª Drª Joana Ribeiro, resolveram investir na realização de uma oficina musical de confecção de instrumentos musicais com material reciclado. Nós achamos que isso pode ser muito bom pelo apelo estético, pela questão da música e também pelo custo baixo e pela questão da reutilização de objetos que já seriam descartados. Isso também é uma forma de estimular os educadores e fazer com que eles posteriormente possam se tornar multiplicadores de todas as experiências que eles estão podendo realizar na oficina. Isso só vai fazer com que o projeto cresça, como um bolo no forno. "Estamos assando".

2.6- O que nos alimenta?

"Do meu ponto de vista ela não tem a opção de parar. Ela tem que fazer. E continuar fazendo o que ela quiser..." (fala da mãe da Júlia na reunião de pais deste ano)

Saber da família que as aulas fazem bem para seus filhos e, em maior escala para toda a família, nos alimenta. Faz com que eu agradeça por ter escolhido essa minha profissão. É uma das coisas que dá sentido à minha existência. Dar forças para o outro e, ao mesmo tempo, receber do outro a força que você precisa para continuar caminhando. Essa é a "via de mão dupla" de que tanto quis falar. Quando se dá e se recebe, não fica pesado para ninguém, se torna prazeroso, a energia passa, se multiplica e se expande. O que nos alimenta é o amor. O amor que damos e recebemos, que geramos e cultivamos a cada dia. O amor é bastante potente; ele tem a força de mudar a humanidade.

Porque eu me imaginava mais forte. Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões é que se ama verdadeiramente. (...)

(Clarice Lispector - do conto Perdoando Deus)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Cora Coralina

Aprendemos pela curiosidade e pela vivência. O trabalho flui, as aulas acontecem. E são nítidas as transformações, as mudanças percebidas no comportamento dos "autistas-artistas", que já estão na oficina de teatro há mais tempo. Os pais são os primeiros a sinalizar as mudanças, principalmente na rotina e na convivência com eles fora do horário de aula. Alguns pais relatam que percebem que seus filhos esperam para chegar o dia da aula de teatro, para encontrar com a turma. E nós também. Percebo que todas as partes envolvidas são gratas pelo nosso encontro semanal.

Para concluir esse trabalho, retomo a pergunta do título: "E quem educa, o que aprende?" Um pouco para esclarecer sua ambiguidade e também para falar sobre como percebo que a minha experiência de vida artística influencia diretamente o trabalho que realizo na Oficina de Teatro Circulando. Quando coloco: "E quem educa, o que aprende?", primeiro me refiro ao pensamento desenvolvido por Paulo Freire de que o educador, ao ensinar, sempre aprende com o educando, com ele e a partir da relação estabelecida entre ambos. Uma aprendizagem no campo do "lidar", do vivenciar. Mas, ao mesmo tempo, quando escrevo: "E quem educa, o que aprende?" também estou buscando fazer uma reflexão sobre quais os lugares onde esse educador vai buscar novos conhecimentos para nutrir sua curiosidade e sua inquietação artística. O que esse artista educador procura e faz no mundo que gera uma constante respiração em sua prática educacional?

A partir desse ponto posso dizer que sou muito grata a todos os encontros que a minha vivência na UNIRIO me proporcionou, indo além do campo educacional, profissional e artístico. Refiro-me aos encontros com outras pessoas, novos pares e muitas parcerias. Participo, como já citei na introdução do trabalho, do grupo Teatro de Operações – com ele, entre outras coisas, pesquiso a forma como me vejo e como sou vista no mundo, quais são as leituras possíveis das ruas e como meu corpo, enquanto atuadora, pode interferir nos fluxos estabelecidos na rotina da

cidade, como me posiciono politicamente e quais as outras possíveis relações de hierarquia entre coletivos. Pesquiso o "olhar para minhas questões e lidar com elas", e essa monografia é também diretamente um "fruto" do trabalho desenvolvido pelo coletivo –, além de também participar de outros coletivos, realizando trabalhos e estudos em outros lugares que alimentam minha curiosidade artística e que influenciam diretamente na forma como atuo e me posiciono enquanto artista educadora.

Faço parte do Grupo Miúda – um coletivo de pesquisa continuada em arte, grupo basicamente formado por alunos e ex-alunos das Escolas de Teatro da UNIRIO e da UFRJ, ambas localizadas na Urca-RJ. Com ele pesquiso a relação da mulher na sociedade, como eu me vejo inserida nesse contexto, ora oprimida, ora dominadora. Pesquiso trabalhar com a minha memória, processo colaborativo, pesquiso o corpo e uma busca por um treinamento e aperfeiçoamento do movimento para que ele chegue a um potencial específico, a relação do teatro com a dança, entre outras coisas –, e, na minha casa, moram, contando comigo, quatro artistas. Temos uma sala de ensaio que denominamos de "Teatro de Véspera", onde realizamos ensaios de música, teatro, fotografia, trabalhos com desenho, gravura, exposições, projeções de filmes, encontros teóricos... "Teatro de Véspera", portanto, é, para mim, também um coletivo de artistas. Estamos organizando a "Banda de Véspera", em que tocaremos, como "carro chefe", composições minhas e dos outros moradores da casa. Comprei um violão e estou começando a aprender com um dos meus parceiros da "Casa de Véspera". Isso, com certeza, será muito bom para as aulas da oficina. Terei mais uma ferramenta para dialogar com as pessoas. Também estou no meu terceiro período na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), onde participei do curso de fundamentação (no primeiro período, tendo aula de "Estudo do plano"; "Estudo do espaço" e "História da Arte", no segundo período, fiz "Arte Agora" - Arte Contemporânea - e "Desenvolvimento de Projetos". No período atual, faço "Desenho". Estou a cada dia mais encantada. No final do ano passado fui para a Bienal das Artes, em São Paulo, incentivada pelos professores da EAV e, lá, conheci o trabalho de outros artistas que nutrem muito meu desejo de continuar pesquisando sobre novas formas de trabalhar com alunos com problemas mentais.

Artistas como Lygia Clark¹⁰ e Fernand Deligny¹¹, artistas que pretendo pesquisar posteriormente, dando continuidade à minha pesquisa acadêmica. Tenho uma parceria artística, que já dura três anos, com a prof^a Dra. Gláucia Reyes, professora do Departamento de Cenografia da UNIRIO. Já atuei em duas de suas peças, um filme e, agora, estamos ensaiando outro trabalho. Com ela, pesquiso principalmente a palavra, o texto dramático, a voz, a entonação, todas as possíveis nuances de um texto, além de aprender muito sobre artes plásticas, filosofia e sobre a própria vida. Uma artista. Em seu atelier tenho muitos ensaios que são verdadeiras aulas em formato de conversa despreocupada, com biscoitinhos, mate e café.

Agora o leitor deve estar pensando: "nossa, que garota egóica; que mulher presunçosa". Mas garanto que falo tudo isso sem nenhuma intenção de deixar aqui registrado parte do meu currículo que, diga-se de passagem, nunca faço questão de mostrar. Nem atualizado ele está. Meu objetivo é o de simplesmente declarar o quanto eu acho realmente importante que o artista educador, que o professor de artes seja realmente um artista, que não se deixe sufocar pela rotina, que busque novas inquietações. E nada melhor do que mostrar isso pelo que você faz, não apenas pelo que você acha necessário fazer. Procurar sair do conforto de sua vida e entrar no desconforto de ter uma rotina muitas vezes tomada por momentos de aprendizagem. Estou falando de dedicação, que, na própria palavra, já contém o que mais me interessa em toda essa pesquisa: a AÇÃÃO! É isto! Que o educador de artes seja um inquieto, um desbravador. É assim que me vejo: uma inquieta, uma curiosa. Tenho muito que aprender e fazer na vida! Claro que acho importante estender isso para todos os educadores. Principalmente no ensino do teatro, acho necessário que se crie uma zona de "possíveis loucuras", um lugar criado pelas pessoas presentes onde se sintam à vontade para estar expostas, para, por exemplo, fazer movimentos sem uma razão determinada, cantar (muitas vezes uma grande dificuldade para vários alunos não autistas). Um lugar onde todos se sintam seguros. Falo isso também levando em consideração a minha relação às duas turmas de teatro para as quais, atualmente, dou aula no SESI/ Duque de Caxias (para adolescentes e adultos), e nas aulas com os jovens da Maré, no projeto de extensão de que faço parte há quase três anos, "Teatro em comunidades - Redes de Teatro na Maré". Um lugar

¹⁰ Lygia Clark (1920/1988) foi uma pintora e escultora brasileira contemporânea que auto intitulava-se "não artista". Foi uma das fundadoras do Grupo Frente, em 1954, tendo dedicando-se ao estudo do espaço e da materialidade do ritmo.

¹¹ Fernand Deligny, (1913/1996) foi um educador francês, uma das principais referências da educação especial, sobretudo das crianças com autismo.

propício ao verbo criar. Assim como os pais de autistas não podem abdicar de suas vidas enquanto indivíduos em prol da felicidade dos filhos – pois, antes de qualquer outra coisa, de sua felicidade depende a felicidade dos seus – os artistas educadores também não podem esquecer de serem artistas, pois de sua arte brota a semente que cada um deles vai cultivar, comer e germinar, com seus parceiros alunos, muitas vezes "recém artistas".

Os autistas são artistas por essência. São instinto e abstração. Indivíduos únicos e complexos. Como em todo ser humano, neles existe um universo capaz de se comunicar e interagir com o outro e consigo. Só que a partir de suas próprias normas. O vínculo social existe para eles de outra maneira, podendo até mesmo não chegar a existir, em alguns casos. O autista é tão belo quanto o outro pelas suas diferenças e semelhanças. Um ser humano com potencial para aprender, vivenciar, amar e ensinar, como qualquer outra pessoa. Precisamos ser pessoas mais sensíveis ao outro.

Sujeitos incompletos, todos nós somos. A vida é uma construção para todos. Ninguém nasce sabendo. Aprendemos a lidar com o mundo que nos é dado. Temos o dever de tornar esse mundo mais acolhedor para as pessoas que têm dificuldades em se relacionar com ele. Pensar sobre a ótica do outro é um passo muito importante. Não existe um único modo de fazer ou aprender sobre as coisas, podemos ensinar a partir do que o educando quer aprender, mas acima de tudo é preciso entender que o amor é essencial em todo o processo da vida e fundamental para o nosso bom desenvolvimento e para nossa aprendizagem.

Uma das coisas mais especiais no trabalho com pessoas autistas foi perceber que o trabalho se constitui em rede. Se uma pessoa começa a trabalhar, as outras vão percebendo, se aproximando e se contaminando pela disposição alheia. Quando percebemos, já estamos rodeados de pessoas querendo saber da pesquisa, do trabalho e da oficina, trazendo referência de novos lugares. Sabemos que não estamos sozinhos.

Cada sujeito é único.

PELA JANELA DO CIRCULANDO



Oficina Circulando – sala Nelly Laport – CLA UNIRIO. 2013. Na foto: Martina (UFRJ), Mariana (UFRJ), Lucas (artista), Diego (UNIRIO).



Oficina Circulando – Sala 602 CLA UNIRIO. 2013. Na foto: Diego (UNIRIO), Anderson (artista) e Natália (UNIRIO).



Mesa Arte, Ensino e Saúde Mental. 09 de abril de 2013. IV Semana de Ensino do Teatro. CLA UNIRIO. Na foto: Angel Vianna, Marta Perez, Caito Guimarães e Aline Vargas.



Oficina Circulando – sala Nelly Laport CLA UNIRIO 2013 – Festa de aniversário do Rafael. Na foto: Antonieta (mãe da artista Natasha), Natasha (artista), Mariana (UFRJ), Martina (UFRJ), Rafael (artista aniversariante), Aline (UNIRIO), Maria José (mãe do artista Anderson), Caito (UNIRIO), Anderson (artista).

Bibliografia

ALVES, Rubem. *A Alegria de Ensinar*. Campinas, SP: Papirus. 12ª. Edição, 2008.

CABRAL, Beatriz. *Drama Como Método de Ensino*. São Paulo: Hucitec, 2006.

CANCINO, Miguel Higuera. *Transtornos do Desenvolvimento e da Comunicação: Autismo - Estratégias e Soluções Práticas*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa e GUERRA, M. Teresinha. *Didática do Ensino de Arte. - Ensino de Arte, Uma Atitude Pedagógica*. São Paulo: FTD, 1998.

RIBEIRO, Jeanne Marie de Leers Costa. *A Criança Autista em Trabalho*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2005.

Instituições que trabalham com pessoas autistas:

- Instituto Ann Sullivan- Há mais de uma década trabalhando em favor das pessoas com autismo.

www.institutoannsullivan.org.br

Tel: (21)2581-3473.

-AAPA- Associação de Apoio a Pessoa Autista.

www.aapa-autismo.org.br

aapa@aapa-autismo.org.br

Rua Espírito Santo, 340- Jd. Esplanada- Nova Iguaçu- RJ.

Tel: (21) 2661-2050.

*Emanoele Freitas (21) 9114-5973

euemeuautista@gmail.com

-Ateliê Espaço Terapêutico

ateli espaçoterapeutico@gmail.com

Rua Conde de Irajá, 110. Botafogo- RJ.

Relatórios Oficina de Teatro Circulando

21 de Fevereiro de 2013- Quinta-feira

Local: Sala Nelly Laport (13 às 15hrs).

Artistas Unirio: Aline.

Alunos UFRJ: Monique e Taíssa.

Artistas Autistas: Rafael e Natasha(chegou atrasada 30 minutos)..

Objetos mais utilizados: tecidos; bonecos pequenos; duas "bolas de leite"; fantoche do Mickey, uma corda e um rádio.

OBSERVAÇÕES GERAIS: O Rafael chegou com um radio vermelho funcionando e tocando na "FM O DIA", quando ele ia entrar na sala a avó dele quis pegar o rádio, mas eu achei que poderia ser um objeto dele para a aula e fluiu super bem. O rádio foi incluído.

RELATÓRIO DA AULA

Quando cheguei fui direto para a sala arrumar os objetos no espaço de uma forma que eu achei que ficaria mais propício para o jogo. A sala estava sendo ocupada antes por um grupo de amigos que ainda estavam tomando banho para sair, fui chegando enquanto eles ainda saíam. Rafael entrou com seu rádio vermelho e eu já comecei a cantar com ele a música que estava tocando (já que eu tenho um gosto musical bem eclético e gosto muito da rádio que ele estava escutando). No mesmo momento ele olhou para mim e sorriu, como se estivesse acontecendo uma identificação. Ele foi logo para uma das bolas e como percebi que o jogo seria mais por aí, comecei a colocar os objetos para as laterais da sala e fomos começando um jogo de bola, meio volei, meio câmbio. A Tati Santoro (uma das amigas da licenciatura que estava na sala antes de nós chegarmos), antes de sair, ainda jogou um pouco de bola conosco. Depois fomos constituindo no espaço uma quadra com dois times (eu e Rafael, Monique e Taíssa). Nem sempre o Rafael respeitava os limites de nossa quadra, que só tinha uma corda dividindo os lados, mas extrapolar os limites é permitido no jogo que nós jogamos.

Quando a Natasha chegou, ela ficou muito alegre ao ver o tambor, depois das férias todas, foi um reencontro e tanto para ela. Ela está muito bem, emagreceu bastante, está muito mais disposta, contente e relaxada. Olhando nos olhos com um olhar mais curioso, mais ativo e investigativo. Fiquei com ela o restante da aula inteira e, como no ano passado, tive que abandonar as aulas de teatro no dia da Natasha, pois comecei a dar aula no SESC Caxias, eu estava também com bastante saudade dela. Ficamos tocando alguns ritmos no tambor e no instrumento de uma amiga (que não sei o nome- que tem uma vibração muito curiosa, como um trovão). Em um momento parei de tocar no tambor e a Natasha pegou minha mão e colocou no tambor para tocar mais. Eu então parava de tocar em alguns momentos, muitas vezes no meio de uma batida específica que eu já estava repetindo por algum tempo, ou no meio do ritmo de uma das músicas que tocava no rádio do Rafael e eu cantava(também para aproximar os dois colegas de turma). Ela então repetia a ação de voltar a minha mão para o tambor. Mas em uma das músicas, não me lembro agora qual, pois fiquei muito surpresa com a reação da Natasha, ela pegou com as duas mãos a minha cabeça e primeiro pressionou um pouco com os seus dois polegares na minha testa e, em seguida, colou sua testa na minha e sorria muito enquanto, acredito eu, sentia a vibração que a minha voz faz na minha cabeça. "É isso!", pensei. Fiquei extremamente surpresa, pois se fomos traçar uma linha de desenvolvimento no projeto a Natasha teve um salto de comportamento absurdo. Ela não gostava de som, se sentia invadida, incomodada, não olhava muito nos olhos nem gostava de tocar as pessoas... Quando ela veio para mim com essa relação do som, da música, da vibração fiquei muito estimulada. Afinal, encontramos um lugar para dialogar, aprofundar o contato e olhar nos olhos, sem uma invadir o espaço da outra.

28 de Fevereiro de 2013. Quinta-feira

Local: Sala Nelly Laport.

Artistas da UNIRIO: Aline e Tavie.

Alunos da UFRJ: Martina, Mariana e Monique.

Artistas Autistas: Anderson e Natasha.

Objetos mais utilizados: tambor; (instrumento da Isadora que parece um trovão- tem uma vibração específica); pena, duas "bolas de leite" e alguns tecidos.

OBSERVAÇÕES GERAIS: Eu tive que sair uma hora antes da aula, pois fui visitar minha mãe no hospital. Ela estava internada e eu era a única pessoa da família que podia visitá-la.

RELATÓRIO DA AULA

O que mais me prendeu a atenção na aula de hoje foi a relação do Anderson com a sensação das coisas... com a pena passando por seu corpo, se deixar sentir. Hoje, no tempo em que fiquei na oficina, ele ficou muito preso no "jogo" prender a bola na luminária, deixar ela no alto.

07 de Março de 2013- quinta-feira.

Local: Sala Nelly Laport (13 às 15hrs).

Artistas Unirio: Aline

Alunos UFRJ: Mariana e Martina.

Artistas Autistas: Anderson e Natasha.

Objetos mais utilizados na aula: Tambor, tecidos, pena, "bolas de leite e bonecas.

Observações gerais: O dia hoje estava muito quente. Quando eu cheguei ao jardim da UNIRIO, o Anderson já estava lá com a mãe dele e a Martina. A mãe dele falou que ele estava bebendo muita água e vomitando depois, além de não querer comer nada. Para ela, esse comportamento do Anderson é pelo calor que ele está sentindo.

RELATÓRIO DA AULA

Quando o Anderson entrou na sala foi direto para o bebedouro, pegou sua garrafa e começou a encher e beber, sem parar. Eu peguei um copo para mim e comecei a beber com ele para intercalarmos e sentirmos juntos a mesma sensação, aos poucos, ele foi parando, nos olhávamos muito nos olhos enquanto bebíamos a água, como um olhar de pessoas cúmplices. De lá ele entrou direto no banheiro feminino, que fica do lado do bebedouro e foi para a pia começar a forçar um vômito. Fiquei ao lado dele, mas sempre com um pouco de sensibilidade para também não invadir seu espaço. Quando ele começou a vomitar, eu pedi para que a Martina chamasse sua mãe, pois não sabia muito bem como proceder. Fiquei ao seu lado, abri a torneira da pia e falei para ele lavar a boca e as mãos. Peguei papel para ele se enxugar e, quando já estávamos saindo, a mãe dele estava entrando na sala e me disse que ele está fazendo isso mesmo, bebe água até se encher e depois vomitar. Ela perguntou para ele se ele queria ir para casa e ele disse: "Casa, não." Enquanto andava pela sala agora com uma das "bolas de leite" que usamos na aula. Depois de um tempo ele parou em cima de um dos tecidos espalhados pela sala, deitou e ficou bem quieto,

descansando mesmo. Eu que tinha visto o Anderson vomitando e, até mesmo, me espantado com o volume de vômito, pensei na hora que seria muito bom para ele dar uma descansada, mas ao mesmo tempo estávamos no nosso horário de aula. Conversei um pouco com as meninas da UFRJ, elas concordaram comigo que era bom ele relaxar um pouco e então eu fui me deitar perto dele e comecei a cantar baixinho...

Logo na primeira música que comecei a cantar, ele olhou para mim e começou a cantar junto comigo com um sorriso enorme no rosto... Fiquei muito instigada com sua resposta para o meu estímulo ser tão positivo e, aos poucos, fui recapitulando algumas músicas que cantamos durante o ano passado e investindo em músicas novas, já que sei que o Anderson ouve muita música e eu também escuto vários programas de rádio com músicas mais populares que ele deve adorar. A aula se transformou numa cantoria suave e gostosa. A Natasha chegou, se sentou perto de nós dois (pois também estávamos perto do tambor- que ela gosta tanto). As meninas da UFRJ ficaram com a Natasha, mas, ao mesmo tempo, em alguns momentos, estávamos todos juntos, pois eu começava uma música com o Anderson e as meninas faziam algumas batidas no tambor no tempo da música e, em outros momentos, a Mariana também acompanhava algumas músicas com a voz (que também é muito melódica e afinada).

Eu e o Anderson começamos a usar o chão de madeira da sala como instrumento para tocar as músicas e nos complementávamos, brincávamos com os ritmos e, em alguns momentos, eu comecei a fazer um "pout-pourri" de todas as músicas que estávamos cantando... As músicas que cantamos durante a aula foram:

"Água de beber";

"Dormi na praça";

"Nada Mal... curtir com Terra Samba...";

"Em festa de rodeio, não dá pra ficar parado";

"Onda, onda, olha a onda";

"Xote das meninas";

"Samba lê lê";

"Escravos de Jó";

Depois de quase passar a aula toda no chão, o Anderson se levantou e foi mais uma vez beber água, fui com ele, mais uma vez ele foi ao banheiro, agora no masculino e, quando saiu, já com a

boca e as mãos limpas o jogo era jogar as bolas nas lâmpadas, ou em cima delas para que elas ficassem presas. Hoje nenhuma ficou.

Na aula de hoje não pude ficar muito com a Natasha, pois achei importante dar uma atenção maior para o Anderson, mas ela está muito bem, cada vez se relacionando mais com os objetos e com as pessoas, olhando no olho. Investigativa. É um prazer enorme ver o desenvolvimento dos alunos durante as aulas.

08 de Março de 2013- Sexta-feira

Local: Sala Nelly Laport (9h30 às 11hrs)

Artistas UNIRIO: Aline e Tavie.

Alunos UFRJ: Camila e Mariana.

Artistas Autistas: Felipe (veio acompanhado do Conrado) e Sara (aluna nova).

Objetos mais utilizados na aula: Pena branca grande, tambor, tecidos, bonecas, fantoche do Mickey e "bolas de leite".

OBSERVAÇÕES Gerais: Hoje a aula começou meia hora depois a pedido da Camila da UFRJ que teria um compromisso anterior. Quando cheguei com a Tavie, a Sara já estava no jardim com a mãe e a Camila. Paramos, falamos com ela e logo ela pegou nossas mãos para cheirar e nós duas também cheiramos e beijamos a mão dela.

RELATÓRIO DA AULA

Peguei a chave da sala enquanto a Tavie me esperava na porta da sala com a bolsa de objetos. Quando entramos eu e Tavie começamos a espalhar alguns dos objetos pelo espaço e, depois, demos a bolsa de objetos para a Sara e, aos poucos, fomos retirando com ela os objetos restantes, tentando usar de várias formas de utilizar os mesmos. A Sara gostou muito do fantoche do Mickey e das bonecas... Ela tem uma relação com a sua baba, ela fica deixando ela escorrer como se fosse uma gota para depois sugá-la toda. Uma coisa difícil de fazer. Ela também ficou excitadíssima quando o Felipe chegou para a aula, sorriu muito, ficou olhando para ele várias vezes... Mas ela é muito tímida também. Quando o Wagner chegou, já no finalzinho da aula, ela teve a mesma reação da chegada do Felipe.

Após o Felipe chegar, eu fiquei um pouco mais focada nele. Trabalhamos muito com o tambor e com o espelho da sala e as janelas (que também refletem como o espelho). Reconhecendo os

lugares do corpo, o próprio espaço da sala. O Felipe, nas aulas pela manhã, está muito mais estimulado, chega com o corpo mais disponível para jogo, para trocar. Agora ele olha bastante nos olhos e sempre após fazer seu "comprimento específico para as mulheres", (ele pega a nossa cabeça e cheira o cabelo), ele abre o meu olho e olha bem dentro dele... Talvez também para se ver, não sei.

A Sara, então, ficou muito tempo com a Tavie. Ela é muito alegre, tem uma relação bem particular com as texturas das coisas e com o cheiro.

O Felipe tem uma relação com o reflexo, um ouvido bem musical, uma relação bem desenvolvida com a música (ele assovia muito bem, com sutilezas no som) e com o cheiro.

14 de março de 2013.

Local: Sala Nelly Laport- UNIRIO. (13 às 15hrs)

Artistas UNIRIO: Aline, Caito, Diego e Wagner

Autistas Artistas: Hoje só veio o Anderson.

Alunos da UFRJ: Mariana e Marcelina.

Objetos mais utilizados na aula: duas "bolas de leite" (uma ficou presa em cima das lâmpadas da sala), alguns tecidos coloridos, uma pena grande, tambor, pandeiro, bongô, bolas de aniversário coloridas, um fantoche de luva de pelúcia, dois "bastões de ar" e um microfone com fio (sem estar ligado).

OBSERVAÇÕES: A Monique foi hoje para se despedir dos alunos, a partir da semana que vem ela não vai, começa a estudar para o mestrado. A partir de hoje achei importante colocar no relatório também as condições climáticas, pois acho que isso interfere na assiduidade dos alunos.

Condições Climáticas: Dia chuvoso, céu encoberto por nuvens cinzas mas apesar disso não choveu até depois da oficina acabar. Acho que o Rafael não veio por causa disso. A mãe da Natasha já tinha avisado que ela não viria hoje.

Quando cheguei, o Anderson e a mãe estavam no jardim com a Marcelina. Ele estava comendo um biscoito goiabinha. Estava bastante feliz. Eu falei com todos e falei para o Anderson que o Caito viria hoje. Ele sorriu bastante. Na sala, a primeira coisa que o Anderson fez foi explorar o

espaço com suas corridas com a lateral do corpo (de lado), com poucas variações de tempo. Na maioria das vezes, ele faz a mesma quantidade de passos nas corridas). É muito bom começar a observar e entender isso. Ele escolheu um lugar no alto, o canto da sala, na parede, para colocar sua frutinha verde que veio com ele para a aula hoje.

Quando o Diego chegou, ele notou que era uma pessoa nova e, ao longo da aula, eles tiveram alguns momentos de encontro. Um deles, dito pelo Diego depois da aula em uma conversa informal comigo e com o Wagner, foi quando o Anderson foi na direção do Diego e parou na frente dele e o Diego fez um carinho em seu rosto. Ele recebeu o carinho e saiu pelo espaço. Depois de algum tempo, ele retornou novamente até o Diego, mas, agora, era a vez dele de realizar a ação.

No início da aula o Anderson estava bastante expansivo pelo espaço... Entrou várias vezes no banheiro masculino da sala e, em uma delas, o Caito teve que o ajudar pois ele se prendeu na cabine. Muitos momentos de jogo pelo espaço com as "bolas de leite", jogando-as para o alto até que uma delas prendesse no suporte das lâmpadas do teto. Depois de um tempo, ele começou a se interessar pelo som que a mão faz em atrito com a bola de aniversário e ficamos um pouco explorando esse som na sala, todos de pé

Depois de algum tempo, o Caito começou a fazer alguns jogos de corrida com ele e, em um momento em que o Caito correu para o Anderson, ele correu para mim(para se proteger) e nós dois começamos a correr do Caito juntos. Eu peguei um tecido amarelo e coloquei em nossas costas. Notei que, quando corríamos do Caito, o Anderson ficou interessado no movimento do tecido (voando com a nossa corrida) no espelho que é enorme que fica em uma das paredes da sala e que, hoje, deixamos todo à mostra (pois ele tem um tecido que o cobre inteiro, caso a pessoa que vá usar a sala não queira trabalhar a relação com o espelho).

Em algum momento, depois desse jogo, o Anderson resolveu deitar com a bola de aniversário em seu queixo. Primeiro eu peguei um tecido e comecei a passar pelo corpo dele e um pouco acima (só para ele sentir o vento). Ele fazia uma expressão de quem estava gostando muito. Em seguida, o Caito deitou ao seu lado e começou a rolar com o corpo inteiro na direção do

Anderson que, ao perceber que ele ia se aproximando, também começou a rolar pelo chão até chegar à parede, onde ele resolveu levantar e caminhar pelo espaço.

Depois de um tempo ele, mais uma vez, se deitou, quase no mesmo lugar de antes, o Wagner chegou com o microfone, o bongô, o pandeiro e o chucalinho e nós começamos a estimular o Anderson a partir de sons e de trechos de músicas. Ele se empolgou muito com o microfone, não largou mais até o final da aula. Em um momento o Caito já percebendo a relação do Anderson com o microfone falou: "Agora é minha vez pegou o microfone e começou a cantar o mesmo trecho da música que o Anderson estava cantando ontem.

As músicas foram: "Beija Flôr" da Timbalada (No tictictac do meu coração, renascerá);

"Bateu Saudade" da Cristina Mel, (tumtumtum bateu, a saudade bateu e doeu);

"Festa de rodeio" do Leandro e Leonardo (Em festa de rodeio, não dá ra ficar parado);

"Sambalêlê", (Sambalêlê tá doente, tá com a cabeça quebrada);

"Água de beber" do Tom Jobim (Água de beber, água de beber camará);

"Dormi na praça" do Bruno e Marroni (Seu guarda eu não sou vagabundo).

Ele cantava as partes que mais gostava em um ritmo bem parecido e batia no tambor. Ora com as mãos, ora com uma boneca pequena (parecida com a "Moranguinho"), ora com um bastão de ar. Em vários momentos ele se empolgava muito com os ritmos e, principalmente, com o tambor e o pandeiro.

Tentamos de várias formas fazer com que ele levantasse. Jogando "Seu mestre mandou" (sentar, levantar, deitar...em que eu, Caito e Wagner fazíamos as ações), mas ele não entrou no jogo. Depois ele só levantou quando o Caito começou a cantar "Acabou...acabou" Ele levantou e começamos todos a guardar os objetos. Ele então saiu e, em seguida, voltou para pegar a sua "frutinha" que ele havia guardado no início da aula no canto da parede. Na despedida, o Wagner se despediu do Anderson tocando sua barriga e ele repetiu a ação com as meninas da UFRJ. Quando ele retornou à sala para pegar sua "frutinha", o Wagner foi novamente falar com ele só que, agora, ele que colocou a mão na barriga do Wagner. Durante a aula o Caito também usou vários estímulos com o Anderson: cócegas, deitar ao seu lado, fazer "troca de peso", etc.

15 de Março de 2013 (sexta-feira)

Local: UNIRIO, Sala Nelly Laport, CLA. (09 às 11hrs)

Artistas UNIRIO: Aline, Tavie e Wagner.

Alunos UFRJ: Camila e Monique

Artistas Autistas: Felipe

OBJETOS MAIS UTILIZADOS: Bolas (de malabares, de aniversário-com ar e com água e bola de "leite"); galinha que cacareja, tecidos, bongô, dois leques de plumas de carnaval (um amarelo e um rosa), chuchalhos e apitos.

OBSERVAÇÕES GERAIS: O Felipe veio acompanhado com o Conrado que permaneceu conosco durante a atividade.

RELATÓRIO DE AULA:

Assim que chegou hoje já notei que ele estava muito bem. Ficou bastante tempo com a "bola de leite", bastante expansivo no espaço.

A cada aula que passa parece que o Felipe está cada vez mais se relacionando conosco, fazendo a aula. Na aula de hoje houve muitos momentos de encontros coletivos. Tivemos muitos jogos. Em um momento, logo no início da aula, por exemplo, ficamos os quatro (eu, Tavie, Wagner e o Felipe) com os bastões de ar nas mãos batendo no tambor... Notei que depois de algumas repetições também estávamos todos seguindo um mesmo tempo, não um tempo exato, preciso... Talvez seja melhor dizer: uma mesma pulsação.

A bomba de encher balão também criou várias relações de jogo... A Tavie ficou apertando a bomba e fazendo vento no Felipe e ele tinha várias reações de que estava gostando...e, aos poucos, ele começou a também reproduzir o som da bomba, um pequeno chiado, com um pouco de assobio. Ficamos fazendo junto com ele esse som e introduzindo algumas variações e brincadeiras. Depois começamos a usar os leques para também começar a trabalhar com o tato, pelo contato das plumas e do vento na pele. Para trabalhamos também com as sensações.

No final da aula, o Felipe ficou bastante tempo com a galinha deitado no chão com a Tavie e o Wagner, cheirando o cabelo da Tavie. Teve um momento em que ele cheirou o cabelo do Wagner e teve uma reação facial horrível. Todos rimos falando para o Wagner lavar melhor a cabeça que o Felipe não aprovou o shampoo. O Felipe sempre faz isso comigo, de cheirar a

cabeça como se fosse um comprimento qualquer. Só que, agora, além de cheirar a cabeça, ele abre meu olho esquerdo com sua mão direita e olha com seus olhos bem perto do meu olho. Mas ele nunca foi agressivo para realizar essa ação, ele é muito dócil. O Conrado nos disse hoje que o Felipe fez 23 anos a duas semanas atrás, que ele adora os Beatles e que ele tem uma gatinha desde em janeiro.

O Felipe criou uma relação com os banheiros durante a aula, elaborando praticamente uma partitura corporal ligada ao mapeamento do espaço aonde ele ia para um lugar e outro, em um curto espaço de tempo, com alguma frequência específica.

Na aula de hoje, ele também ficou falando muito "xixi", até ir em algum momento com o Wagner ao banheiro e, finalmente, fazer. Segundo o Wagner ele já ia sair direto do banheiro sem lavar as mãos, então o Wagner foi até a pia lavar as mãos, ele viu e foi imitar a ação.

Em um outro momento da aula, o Wagner realizou uma ação que chamou muito a atenção do Felipe: ficou tentando rebater uma bola com o bastão de ar, mas, claro, fazendo um pouco o jogo do palhaço. Percebi que o Felipe gostou muito.

Em contrapartida tem uma coisa que o Felipe não gosta: bolas de ar cheias de água. Ele sente algum tipo de nervoso e sempre se afasta.

21 de março de 2013. (quinta-feira)

Local: Sala Nelly Laport- UNIRIO. (13 às 15hrs)

Artistas UNIRIO: Aline e Caito.

Artistas: Anderson e Natasha.

Alunos da UFRJ: Mariana, Martina e depois a Monique.

Objetos mais utilizados: bolas de aniversário; bastão de ar; "bolas de leite"; corpo de manequim feminino sem cabeça(que estava na sala);um tecido com nó azul bebê, duas bonecas pequenas, tambor e o instrumento de uma amiga minha que é de outro país e emite uma vibração bem gostosa de ouvir, como um som de trovão aveludado.

OBSERVAÇÕES: Hoje quando cheguei o Anderson estava no jardim com sua mãe e quando a Natasha chegou a mãe dela veio direto para a sala a levar e dizer que a Natasha hoje estava com um "zumbido"estranho. Ela ficou durante a aula emitindo um som parecido ao de uma reverberação que vai variando. ("hum-hum-huuumm").

RELATÓRIO DA AULA:

Quando cheguei à UNIRIO, falei com a mãe do Anderson e fui com ele pegar a chave da sala na portaria do CLA. Ao chegar ao corredor do elevador, o Anderson já foi logo apertando o botão do elevador e, depois, quando o elevador chegou, dois alunos entraram e ele correu para a porta e tentou por duas vezes jogar um potinho de leite fermentado vazio no vão entre o elevador e a porta. Disse a ele que tínhamos que ir para a sala e ele foi comigo.

Assim que abri a porta da sala, ele teve a mesma reação das aulas anteriores... Ir correndo pelo espaço com alguns pulinhos laterais e dando algumas risadas. Depois de correr bastante, ele deitou em um lugar da sala próximo à janela, eu peguei nossa sacola de objetos e fomos retirando os objetos.

Achei que seria bom recapitular nosso "repertório musical" então comecei com algumas músicas e cantei duas músicas novas: "Águas de março" do Tom Jobim e "Felicidade" do Vinícius de Moraes. Quando eu começava a cantar, o chão de madeira da sala se transformava em instrumento de percussão onde nós marcávamos o ritmo das músicas.

Alguns momentos da aula de hoje achei muito produtivos no que diz respeito às relações e jogos que foram se estabelecendo. Resolvi colocá-los em tópicos:

_Caito rolando de um lado para o outro da sala, passando por cima do Anderson;

_Eu e Anderson rolando pelo chão da sala, de uma extremidade à outra, seguindo um mesmo ritmo, juntos em uma "mesma frequência";

_ Eu, Caito e o Anderson dançando com o tecido azul enquanto cantávamos "Se essa rua fosse minha". Foi um momento muito gostoso da aula. O Anderson estava muito à vontade e parecia estar leve, sereno, feliz, relaxado...

_A Natasha trocando as bolas comigo. Coisa que ela não costumava fazer. Ela ficou olhando com um olhar de quem está desconfiada para a Mariana durante vários momentos na aula. Em outras horas ela levantava da cadeira de repente, corria pela sala dando alguns pulinhos e repetindo um pouco mais forte esse "zumbido" que veio com ela para a aula de hoje e depois retornava para a cadeira. Teve um momento interessante quando o Caito, percebendo que ela estava voltando para a cadeira, se sentou junto com ela e ficaram os dois sentados, dividindo

aquele espaço. Ela sorriu, olhou para ele e, em seguida, o Caito levantou e ela voltou à sua relação com as bolas de ar girando na sua mão... A Natasha veio para a aula hoje toda de rosa.

Para acabar a aula de hoje mais uma vez cantamos a música "Acabou, A-CA-BOU" e fomos todos guardando os objetos na sacola. Quando começamos a guardar os materiais, a Natasha já foi saindo (Mariana foi a acompanhando) e nós encerramos as atividades do dia.

22 de Março de 2013 (sexta-feira)

Local: UNIRIO, Sala Nelly Laport, CLA. (09 às 11hrs)

Artistas UNIRIO: Aline e Wagner.

Alunos UFRJ: Mariana

Artistas Autistas: Felipe

Objetos mais utilizados: tecidos; "bola de leite", tambôr, chuchalhos; bonecas; casaco; bolas de malabares, guarda-chuva de frevo, pandeiro e bola de ar.

OBSERVAÇÕES: O Felipe chegou com o Conrado, hoje 25 minutos atrasado. O Conrado falou que é complicado chegar mais cedo, pois é um dia que ele transita da casa do pai para a casa da mãe (ou vice-versa). Estávamos esperando que a Ana Paula também viesse na aula hoje.

RELATÓRIO DA AULA:

O Felipe está apresentando uma melhora nas respostas em aula muito significativa se formos comparar o início das aulas com o que ocorre hoje. Ele está respondendo muito mais nossos estímulos com os objetos e ficando mais autor de novas possibilidades de jogo. Houve alguns momentos da aula de hoje que achei importante ressaltar:

_Eu jogando as três bolas de malabares (de longe) para ele, rolando pelo chão, o Felipe as pegava, uma por uma e antes de jogar de volta, e falava "Opa";

_Wagner jogando malabares sentado em frente ao Felipe, parava, dava uma bola para o Felipe, que recebia, ficava com ela por um breve tempo e em seguida a devolvia para o Wagner que voltava a fazer malabares;

_Relação com a bola de sabão: no início ele se incomodou mas em seguida ficou acompanhando o percurso que elas faziam com os olhos e duas vezes com a mão;

No início da aula, o Felipe fez o percurso dos banheiros, mas foi bem menos que na aula passada. Ele entrava no banheiro masculino muitas vezes para ouvir o Ayram (um aluno da música da UNIRIO que ensaia tocando violino quase todos os dias no jardim da universidade).

O Felipe está muito mais falante. Na aula de hoje, ele falou que queria água, depois repetiu várias vezes a palavra "majestade" que eu e Wagner usamos para chamar o Felipe em um dos jogos da aula. Ficava falando "gatinho" e "Cadê o pinguim?"

Relação com a cabeça feminina. Hoje ele veio até minha cabeça muitas vezes, cheirar e falar do gatinho. Criamos um jogo em um dado momento que o Wagner chegava perto para ele cheirar a cabeça dele, o Felipe cheirava e fazia cara feia, cheirava a minha e fazia cara de quem estava feliz. Eram duas reações bem distintas.

Em um momento da aula o Wagner ficou um tempo criando uma reação com os óculos que tinham mola nos olhos e seu palhaço. Ele pintou a ponta do nariz de vermelho e, enquanto fazia alguns exercícios de palhaço, o Felipe ficou olhando bastante atento e sorrindo várias vezes, em um momento chegou a esboçar uma gargalhada.

Logo depois o Felipe ficou muito preso a um objeto, o guarda-chuva de frevo. Ele rodava, ficou um tempo tentando descobrir como fechava até conseguir e fechar e abrir algumas vezes. O Wagner aproveitou o interesse do Felipe pelo objeto, picou vários pedacinhos de papel e fez uma chuva de papel, guiando o guarda-chuva em cima do Felipe. Acho que ele gostou muito desse momento. Depois eu fiquei explorando os espaços do guarda-chuva com o Felipe (os dois dentro, os dois fora... um dentro, etc).

No final da aula, quando ele entrou pela última vez no banheiro, saiu com um bastão de vassoura e foi direto para a frente do espelho fazendo pose de lutador (não tão nítido, com toda vontade), usando o bastão como se fosse uma espada. Eu fiquei ao seu lado, também tomando cuidado para ele não se machucar nem bater com o bastão no espelho... Foi bom ver ele trazendo um novo estímulo...

Houve um momento que foi bem curto, mas que também acho que já mostra outro momento de crescimento do Felipe: O Wagner começou a "dirigir uma cadeira", como se fosse o volante de um carro. Eu fiz sinal para o "carro" e entrei, em seguida paramos em frente ao Felipe, eu dei a

mão para ele entrar e ele veio, andamos poucos metros juntos, mas andamos juntos, todos em um mesmo "lugar" ou "não lugar", acreditando ser um carro ou ônibus...

Depois que o Felipe saiu do transporte, ele se deitou no chão e eu e o Wagner fomos para ele, o cobrimos e começamos a cantar uma canção de ninar. O Felipe estava com a galinha, deitamos ao lado dele e como já estava na hora de acabar a aula, levantamos tocando sinal de despertador e apertando a galinha de plástico que cacarejava. Ele se levantou e fomos finalizando a aula guardando os objetos.

RELATÓRIO DA NATHALIA

Relatórios de Estágio III

Pinel

10/05 – 9h às 11h

Sala Branca

UniRio: Nathalia e Aline

UFRJ: Conrado e Mariana

Artista(s) autista(s): Felipe e Sara

Em relação ao estagiário:

Denomina-se autista “a pessoa que sofre de autismo”[Footnote], descrito como um “estado mental caracterizado por uma concentração patológica do indivíduo sobre si mesmo, e pela ausência de reação a estímulos e a contatos sociais”[Footnote]. Quando fiquei sabendo do projeto, meu primeiro instinto foi recorrer ao dicionário mais próximo para ter uma fonte de informação mais formal que conversas e filmes sobre o tema.

Esse dicionário certamente não incentiva o professor de teatro a trabalhar com autistas. No entanto, com tantas pesquisas relacionando positivamente arte e saúde, dizer que o autista não reage a contatos sociais me pareceu um pouco equivocado.

Para tirar a dúvida, fui à mesa da V Semana de Ensino do Teatro que falava sobre arte e saúde para ouvir o que pessoas que trabalhavam com pessoas especiais tinham a dizer. Não só ouvi, como também pude ver um pouco de para onde esse trabalho levava. Saí de lá com duas certezas: eu queria me envolver nesse projeto e o dicionário está errado.

É interessante que eu já dei aulas para crianças, adolescentes, adultos e, apesar de gostar, eu não ficava empolgada. Hoje, no entanto, primeira vez em que eu dou aula no projeto, passei a noite imaginando como seria a aula, quem seriam os alunos e como me receberiam. Quando entrei na sala, aquele frio na barriga saudável que vem sempre que nos importamos com algo que

queremos que dê certo. A verdade é que a diferença entre entrar na Sala Branca hoje e subir no palco para a estréia de um espetáculo não existia. Isso só me confirmou mais o que a Angel Vianna disse na mesa da Semana de Ensino: eles são artistas. Eu não estava indo apenas dar uma aula, eu estava fazendo teatro.

As aulas não são planejadas. O trabalho é feito com o estímulo por meio do objeto e com o imprevisível. É incrível como estímulos que acreditamos que terão uma reação extremamente positiva podem ser completamente ignorados e como algo muito pequeno pode ser muito estimulante.

Ficou muito claro que esse é um trabalho de sensibilidade. É necessário não se fechar à comunicação porque, apesar do fato de que ela quase nunca se dá pelas formas mais convencionais, ela existe e é importante que aconteça. Trabalhar essa escuta é fundamental para a minha prática docente.

Em relação à experiência de teatro:

A metodologia utilizada para esse trabalho é o estímulo por meio de objetos. Duas bolas, vários tipos de tecidos, instrumentos musicais, óculos, bonecas. Acho essa variedade muito importante, uma vez que, por mais intensa que tenha sido a vivência deles com os objetos, eles prendiam sua atenção por muito pouco tempo.

Um estímulo que deu muito certo hoje foi a música. Desde repetir as escalas que a Sara cantava até uma seleção de músicas dos Beatles, que foram aparecendo na aula porque a Aline lembrou que o Felipe era fã do grupo. Foram vários os instrumentos utilizados, além dos sons gerados por objetos não ligados à música.

As respostas positivas mais claras que eles davam em relação ao que estávamos fazendo eram os sorrisos. A Sara ria toda vez que eu cantava a escala que ela criou, o Felipe sorri quando a Aline falava sobre o pingüim ou imitava os “glissandos” que ele gosta de fazer (“rrruíí”). A Sara também reagiu muito bem quando brinquei de bola com ela e quando fiz a bonequinha de pano dar-lhe um beijinho no rosto. O Felipe respondeu muito bem à comunicação oral (quando foi pedido que ele levantasse, que passasse a bola e colocasse o sapato). A mola que a Aline usou com ele também rendeu um bom tempo de descobertas.

Acredito que vou conhecendo melhor cada um com o passar do tempo, o que irá auxiliar no entendimento de suas preferências e necessidades. A convivência também será fundamental para a criação de uma confiança mútua, necessária para o trabalho com o teatro.

23/05 – 13h às 15h

Campinho da UFRJ

UniRio: Nathalia, Tavié e Diego

UFRJ: Mariana e Martina

Artista(s) autista(s): Natasha

Sobre o estagiário(a):

Quando eu tinha aula com a Tânia Alice, ela costumava dizer que o pensamento está no ar e, cada vez mais, eu acredito nisso: quando cheguei em casa, depois da minha primeira aula no projeto, eu descobri que o filho de um dos meus professores do Ensino Médio é autista. Está sendo muito interessante acompanhar de longe, por fotos, vídeos e textos de um pai orgulhoso, o desenvolvimento dele. Fica cada vez mais clara a importância do estímulo a essas crianças. Essa semana, ele desenhou um sol verde e torto, como qualquer um faria aos três anos de idade.

Durante essas duas semanas, tentei conversar bastante com pessoas que têm contato com autistas. A potência da música como meio de chegar até eles foi unânime. Foram bastante citados batuques, palmas, vocalizes, o simples ato de ouvir uma música. Acredito que isso só reforce a experiência que tive da vez passada e me aponte um caminho para esse trabalho.

Além disso, tenho lido textos sobre autismo, o que tem me feito entender melhor o que ele, quais comportamentos esperar, o que é interessante de ser trabalhado e o que não é. No entanto, confesso que me preendi muito a um texto que falava sobre como evitar as “crises de birra”, denominadas assim pelo próprio texto, e um dos tópicos dizia:

SUPERESTIMULAÇÃO E SOBRECARGA SENSORIAL

Muitas crianças com autismo ficam mais estimuladas por barulho ou atividade no meio

ambiente. As crianças autistas são mais propensas do que outras crianças estão a sofrer de distúrbios de integração sensorial que aumentam a sua sensibilidade à luz, barulho, ou certas texturas. Estímulos ambientais, tais como marcas de roupas, luzes que piscam de televisão, salas superaquecidas, tapete áspero, ou cães latindo tudo pode causar um colapso.[Footnote]

Eu nunca presenciei um desses colapsos, é verdade, por isso, não sei o quanto eles devem ser evitados ou a frequência em que eles acontecem, mas, em vários momentos, acho que eu travei um pouco nesse encontro com a Natasha, tentado evitar muitos estímulos de uma só vez. Acho que um trabalho importante que devo fazer nos próximos encontros é encontrar um equilíbrio entre o estimulante e o confortável para eles.

Em relação à experiência de teatro:

Quando vimos a Natasha se aproximando, a Tavie me avisou pelo interesse que ela manifesta por movimentos circulares. Isso se confirmou no exato momento em que ela chegou: pegou uma vareta com uma fita de cetim e começou a girá-la. Outro movimento circular que ela fez muito ao longo da aula foi girar o coquinho.

Pouco tempo depois (e, por pouco, digo cerca de 30 segundos), ela arrancou a fita e usou a vareta para percutir no bongo. Ela fez isso em vários momentos durante o encontro: parava, fazia outra coisa, depois voltava.

Em um momento, ela levantou e saiu andando pelo campinho, acompanhada de perto pelo Diego. Eu e a Tavie fomos atrás, mais afastadas. A Natasha então entrou no restaurante e sentou-se na mesa de um senhor que almoçava e pegou comida no prato dele. Eu achei bem interessante a maneira como o senhor encarou a situação. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas foi muito compreensivo e não se zangou (ou, pelo menos, não demonstrou).

De volta ao local onde a aula estava acontecendo, a Natasha gostou muito de ser massageada por um pano bem grande com várias tampinhas de garrafa pet dentro. Ficamos um bom tempo sensibilizando suas costas e ombros. Ela também ficou curiosa em relação ao que tinha lá dentro e manipulou bastante o objeto para tentar descobrir.

Além disso, ela deu uma atenção especial a algumas tampinhas de garrafas de vidro que ela tirou de dentro de um saquinho. Ela batucou com elas no bongo, trocou-as de lugares, deixou-as cair

em cima do bongo. Em geral, suas descobertas se ligavam à sonoridade. Inclusive, em alguns momentos, os sons que ela produzia pareciam responder a sons externos, feitos por um de nós. Os sorrisos continuam sendo as respostas mais claras ao que estamos fazendo. A Tavie descreveu muito bem o sorriso da Natasha: “ela sorri com o corpo todo”. Felizmente, o corpo dela sorriu várias vezes durante o nosso encontro.

13/06 – 11h às 13h

Sala Branca

Alunos UniRio: Diego, Nathalia e Tavie

Alunos UFRJ: Betina, Mariana, Martina

Artistas Autistas: Daniel, Felipe, Julia, Lucas e Moisés

Sobre o estagiário:

Desde que o Aucouturier me foi apresentado, eu tenho repensado muito as formas de abordagem do teatro em sala. Eu estava trabalhando com a expectativa de que os alunos irão comprar a proposta que lhes faço e, a partir daí, nós desenvolvemos essa propostas até que eles cansem e eu encontre alguma outra atividade que lhes interesse.

Em “Bruno: Psicomotricidade e Terapia”, no entanto, sua mãe relata:

“Bruno tem dificuldades em ficar de pé, e se quer obrigá-lo a uma marcha coordenada.

Bruno não se interessa pelos objetos e se quer fazer com que viva com os objetos.

Bruno não fala, e se quer fazê-lo falar.” [Footnote]

A pergunta que Aucouturier fez para desenvolver seu trabalho foi: “O que há de positivo no comportamento de Bruno?”[Footnote] Assim, as habilidades do menino são potencializadas a fim de que outras habilidades se desenvolvam por meio da exploração daquilo que ele já faz.

Por isso, comecei a me policiar para não exagerar nas minhas expectativas. Durante os encontros dessa semana, procurei perguntar o que eles queriam fazer, tentar entender o que queriam me dizer e trabalhar mais com os materiais que eles mesmos nos dão.

Em relação à experiência de teatro:

Assim que chegamos, o único aluno era o Moisés. Ele imita o rádio, o que é um ótimo ponto de início para o trabalho, mas eu ainda não descobri como utilizar isso nas aulas. Eu e a Tavie jogamos um pouco de bola com ele. Às vezes, ele jogava de volta; às vezes, simplesmente ficava segurando com força. Ele pediu muito para sair e ficar com a mãe. Uma estratégia que deu certo para mantê-lo dentro da sala por um tempo foi dar-lhe um pedaço de giz e um pedaço de madeira que ele riscava e se distraía.

Depois os outros começaram a chegar. Assim que chegou, o Daniel falou a palavra “abraço” e abraçou todo mundo com força (bastante força, mas eu acredito que ele não tenha consciência de que o abraço dele machuca) e foi jogar a bola na parede. Tentei aproveitar isso para introduzir mais bolas. No final, estávamos com três bolas. Eu corria um lado para o outro para ele mudar o foco, trocava as bolas ou dava todas de uma vez. Acho que ele respondeu muito bem a isso. Enquanto nós jogávamos, eu perguntei seu nome. Ele respondeu seu nome inteiro, muito rápido. Eu só consegui entender Daniel, mas foi o suficiente.

Quem eu passei mais tempo foi com a Julia. Aproximei-me dela por meio dos seus bichinhos de pelúcia, que ela mesma costurou: ela me explicava a história de cada um. Depois começou a me mostrar seus desenhos, o alfabeto japonês e até me ensinar algumas palavras. Eu pedi então que ela cantasse uma música em japonês para mim. Ela aceitou, mas ficou receosa se os outros iriam querer ouvir também, por isso, eu perguntei em voz alta e todos concordaram.

Durante o show em japonês, eu pude ver o quanto aqueles desenhos fazem parte da vida dela. Ela não só imitava a voz e os improvisos da cantora: eu me senti assistindo um desenho japonês. Ela fazia todos os personagens; ora me explicava o que eles estavam fazendo, ora não; em vários momentos, ela congelava como um dos quadrinhos de um mangá imitando os códigos corporais dos personagens (o personagem de olhos fechados com uma gotinha caindo da têmpora ou a risada de boca muito aberta).

Nesse momento, o Daniel e o Lucas (até aquele momento a única aproximação que eu fiz dele foi perguntar seu nome), estavam em uma roda com a Tavie e algumas meninas da UFRJ. Cada um com um instrumento na mão, fazendo o som que achasse que faltava para a música. Eu levei a Julia para perto deles e ela começou a tocar um instrumento também. Esse foi um daqueles momentos que a gente sempre espera conseguir ver. O único que não estava na roda era o Moisés. Todos os outros faziam sua música, que se juntava com a música dos outros. O melhor é

que, mesmo com um violão desafinado e com só três cordas, mesmo o nosso chocalho sendo um pano cheio de tampinhas de garrafa dentro (que, aliás, foi o Daniel que descobriu sozinho que aquilo poderia ser um chocalho), mesmo que eles não soubessem tocar flauta, a música ficou muito boa, o ritmo foi respeitado e os instrumentos timbravam.

Depois que a música acabou (por uma pulsação coletiva, uma vez que nada foi falado para que ela terminasse e todo mundo terminou junto), e fui fazer uma cena com a Julia. Resolvi usar um dos personagens do desenho que ela me contou e dois dos seus bonequinhos. Não sei se foi uma boa ideia porque ela passou a cena quase toda falando em japonês. Era interessante quando ela parava para comentar a cena, traduzir o que ela tinha falado ou corrigir quando eu não conseguia falar os nomes dos personagens. Novamente, era como estar dentro de um desenho: a Julia se apropriou até da personalidade da personagem e suas caricaturas principais.

Terminada a cena, pedi para a Julia contá-la para a Tavié e fui ficar com o Felipe, que chegou atrasado. O Felipe é muito engraçado porque ele é muito educado, então, se você der uma bola para ele, ele vai pegar e ficar com ela ou largá-la. A sensação que eu tenho é que ele o faz, mesmo que não queira, para que nós não nos sintamos mal, mas ele nos olha como se o que nós propomos para ele fosse ridículo e nós precisássemos de sérios tratamentos por estarmos agindo daquele jeito.

Nesse dia, ele estava muito interessado no espelho. Em vários momentos, ele levantava a blusa e falava “umbigo”. Em um momento, ele tentou deitar e eu fui para trás dele para ele se manter sentado. Foi então que, pela 1ª vez, eu senti que ele tentava estabelecer uma comunicação comigo: ele me mostrava o indicador, como se fizesse o número 1, depois fazia um gancho com o polegar e o indicado, como se mostrasse uma quantidade pequena. No início, eu entendi que ele estava pedindo para o deixar deitar “uma vez, só um pouquinho”, mas ele começou a repetir os gestos várias vezes e, quando percebia que eu não tinha entendido, abria os braços e fazia uma cara de indignação como se perguntasse “como você não consegue entender o que eu estou te falando?”. O fato é que, mesmo ele repetindo tantas vezes, eu não consegui entender o que ele estava tentando me dizer.

Depois eu fui interagir com o Lucas. Eu conversei um pouco com ele e jogamos um pouco de bola. Então o Daniel abraçou a mim e a Betina, o que fez o Lucas dizer que queria que ele o abraçasse também. Levei-o até o Daniel e pedi para que o Daniel o abraçasse, o que foi feito sem resistência alguma. Abraço dado, perguntei ao Lucas se ele conhecia alguma música e ele

começou a cantar “Boi da Cara Preta”. Eu emendei no “Atirei o Pau no Gato”. Na segunda vez que cantei “Atirei o Pau no Gato”, fiz uma ciranda com ele, na qual o Daniel se interessou muito e entrou na roda cantando “Parabéns pra Você”. Comecei a cantar “Ciranda Cirandinha” e a Tavié entrou com a Julia. Com exceção do Felipe, que observava tudo pelo espelho, terminamos a aula todos (autistas, alunos da UniRio e da UFRJ) cantando “Se Essa Rua Fosse Minha” em roda.

13/06 – 13h às 15h

Campinho da UFRJ

Alunos UniRio: Diego, Nathalia e Tavié

Aluno(s) UFRJ: Martina

Artista(s) Autista(s): Anderson

Em relação à experiência de teatro:

Nesse caso, vou pular minha preparação pois foi uma aula seguida da outra, logo, eu não tive uma preparação teórica em casa. Ainda assim, uma aula é sempre preparação para outra e as experiências da aula anterior serviram bastante com o Anderson também.

Ele chegou bem agitado. Foi correndo pegar a bola para jogá-la para o alto. Em alguns momentos, ele jogava com a gente também; em outros, jogava longe e ria quando um de nós corria para pegá-la. A bola foi presente em vários momentos. Ele cansava e procurava outra atividade, depois retornava a jogar a bola.

O violão também lhe causou muito interesse. A Tavié já havia comentado que, às vezes, ele ficava a aula inteira tocando. Nesse dia, ele andou pelo campinho inteiro tocando as três cordas e se divertindo com isso. Até que uma bolha estourou em seu dedo e nós resolvemos que não era uma boa ideia que ele continuasse tocando.

Eu coloquei um band-aid em seu dedo e ele pegou o violão de novo e voltou a tocar. Nós falamos que ele não deveria fazer isso, mas ele continuou e ria da nossa reação. A impressão que tinha é que quanto mais seu dedo doía, mais ele ria. Até que eu pedi o violão emprestado e ele me deu sem contestar. Enquanto eu o guardava, a Tavié distraía o Anderson e ele nem percebeu.

Ele tentou mais tarde pegar o violão uma vez, mas nós chamamos a atenção dele para outra coisa e ele esqueceu.

Ele também passou algum tempo prendendo gravetos nas grades do campinho. Eu tentei colocar folhas junto, mas ele não deixava: era a obra de arte dele e ninguém podia chegar perto.

Mais uma vez, a música permeou a aula. O Diego começava cantando alguma música e a gente continuava com o Anderson. Às vezes, ele pulava enquanto cantava. Às vezes, voltava a cantar alguma música que já havíamos cantado. O fato é que seja com o dedo sangrando pela bolha estourada pelas cordas do violão ou pela sua voz cantando baixinho as músicas que ele já sabe de cor, a música move muito o Anderson e uma das minhas tarefas é entender como fazer com que ela traga novos estímulos a ele.

FIM DO RELATÓRIO DA NATHALIA

COMEÇO DOS RELATÓRIOS DA TAVIE

Relatório Oficina Circulando – quinta-feira, 08 agosto 2013 (Tavie Gonzalez)

Autistas/Artistas: Felipe, Julia, Lucas e Moisés

Psicólogos: Mariana, Martina e Betina(for)

Oficineiros: Aline, Tavie e Fernando

Felipe > Chegou e foi direto para o banheiro. Fez o pinguim poucas vezes. Quis sair várias vezes.

Massageei o rosto dele com uma das bolas e ele gostou. Fechou os olhos e movimentou o rosto para sentir a bola.

Aline ficou lá fora com ele.

Julia > Apresentou uma música cantando e dançando, enquanto eu e Lucas assistíamos e tocávamos. Pediu que eu desse o coelhinho de pelúcia que eu levei pra ela. Dei e ela ficou muito feliz abraçando-o e beijando-o. Mariana jogou frisbie com Julia. Levei o Lucas, mas ele não gostou muito.

Lucas >Gosta muito de música. Toca o violão toda hora,” afina-o” várias vezes. Tem total noção de tempo e ritmo. Fazia a batida no violão no rit,o certinho que eu batia no tambor.Dançou frevo comigo (banho de cheiro) com o guarda chuva na mão movimentava as pernas tentando me imitar, girava quando eu girava, sempre muito sorridente e cantando alguns pedaços da música que ele conseguia decorar enquanto eu cantava. No começo da aula vestiu óculos, chapéu e nariz me imitando. À principio ficou andando pela sala em círculos. Bebeu muita água e soltou vários arrotos (que incomodaram Julia (“-Olha a educação!”)

Cena do frango com Julia e Lucas > Julia cozinhou um frango (Aline que puxou a cena) usando como tempero flores e folhas do jardim do CLA. Sentamos todos em círculo com bambolês sendo os pratos. Comemos. Lucas comeu e passou p mim. Martina e Fernando falaram mal do frango. “briga”. Martina fez um novo frango e nós não gostamos. Presença da Cuca na história.

Moisés > Ficou fora quase o tempo todo com Fernando.

Relatório Oficina Circulando – sexta-feira, 09 agosto 2013 (Tavie Gonzalez)

Autistas/Artistas: Anderson

Psicólogas: Mariana e Martina

Oficineiros: Tavie, Aline e Natália.

Chegou e foi direto ao banheiro e, ao sair, foi beber água. Trouxe uma garrafa de alumínio com um barbantino amarrado no gargalo.

Jogo com argolas e bambolês: Ele e Aline de um lado, eu e Nata do outro, jogando os objetos um time para o outro. Anderson jogou varias para o alto. Acertou uma bola em cima da lâmpada.

Subiu uma escada que estava dentro da sala duas vezes e se divertia muito com o nosso “desespero” em descê-lo.

Natália bateu com uma bola nas costas dele e ele começou a correr. Peguei o balão e comecei a correr atrás dele. Correu de mim rindo pela sala em círculo. Pegou a Martina e abraçou como se ela fosse defendê-lo de mim. Saiu andando abraçado com ela pela sala.

Aline estendia a mão em qualquer lugar da sala segurando as bolas ele ia até lá e pegava na mão dela.

Achou uma cordinha, pegou e saiu andando em círculos pela sala. Martina pegou a ponta da corda e se estabeleceu um jogo. Saiu puxando a Martina pela sala (em círculos). Depois Aline e Natalia pelo bambolê. Ficaram assim as três sendo puxadas por ele e andando em círculos pela sala.

Pegou a galinha e saiu andando pela sala apertando-a. Natalia com massageador nas costas dele. Coro de galinhas (cantando as musicas que ele propunha em ‘pópópó’).

Cantando, andando pela sala e jogando bambolês para o alto:

- Água de beber...
- Carrinho de mão
- Em festa de rodeio
- Pião entrou na roda
- Seu guarda eu não sou vagabundo

- Tictictac do meu coração
- Deixa acontecer naturalmente

Jogo de bater na coxa >Deu umas batidinhas na minha coxa e saiu correndo. Corri atrás dele e bati na coxa dele. Ele se virou, bateu na minha coxa e saiu correndo de novo. Algumas repetições. Nata deu um tapinha no quadril dele com as duas mãos. Logo depois ele virou de costas se posicionando para ela bater de novo.

Deu uma “enganada” na Aline, bateu na coxa dela e saiu correndo. Sempre dando gargalhadas. Andou muito em círculos pela sala jogando objetos para o alto. Apertou bastante a galinha.

Relatório Oficina Circulando – quinta-feira, 15 agosto 2013 (Tavie Gonzalez)

Autistas/Artistas: Taylan, Moisés, Felipe e Julia.

Psicólogas: Mariana e Betina

Oficineiros: Tavie, Natália, Fernando e Diego.

Estavam todos um pouco desanimados. Estava frio.

Julia> Deu aula de dança para nós ensinando as coreografias da artista japonesa que ela gosta.

No final ficamos um tempo “tricotando”, tipo roda de amigas falando da vida, da nossa casa, do que gostamos de fazer...

Taylan> Ficou andando lá fora com Diego. Chegou à janela eu falei “Oi, Taylan” ele me cumprimentou com a mão.

Felipe> Ficou um bom tempo deitado, no fim da aula rolaram ele pelo chão.

Relatório Oficina Circulando – sexta-feira, 16 agosto 2013 (Tavie Gonzalez)

Autistas/Artistas: Anderson

Psicólogas: Martina

Oficineiros: Natália, Diego e Tavie.

Anderson, muito feliz e gargalhando muito. Chegou jogando coisas para o alto (bambolês, bolas) Começou a cantar “salvador, salvador, salvador...poin, poin, poin”.. ninguém sabia o que era. Clareana passou pela janela me cumprimentando, perguntei a ela se ela sabia. “é o novo som de salvador, é o novo som de salvador! Paquere, paquero”. “Olha no poinpoinpoin, me fazendo enlouquecer”

Jogo do tapinha na coxa. Não deixou eu bater nele, mas bateu em mim. Depois fez o jogo com todo mundo. Depois começou a se virar de costas como quem pede pra gente bater.

Frase soltas: “Solta essa porra!”; “São Conrado”; “Desgraçado”; “Podridão” – Fizemos música com as palavras soltas dele. Falei “desgraçado” ele respondeu “São conrado”

- Idéia de baixar as músicas que ele gosta para levar, e as do Beatles pro Felipe também.

Colocou um dos narizes de palhaço, mas não estava funcionando. Troquei com ele, ele começou a andar pela sala apertando o nariz e rindo.

Ficou quase todo o tempo com um balão de ar na mão. Apertava, botava na boca, botava na boca da galinha...

Viu fragatas voando no céu, e ficou um tempo na janela observando-os. “-Pombo! Pombo!” e apontava para os pássaros.

Pedi pra Martina cantar no ouvido dele

Músicas:

- Novo som de Salvador
- Olha no poinpoinpoin
- Vamospegar o primeiroavião
- Bom chi bom chi bom bombom
- Onda onda, olha a onda.
- Oi oioi

Vídeos do final da aula.